

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**MAURÍCIO MOROSO KNEVITZ**

**Internacionalismo, circulação e usos da informação na imprensa operária de  
Porto Alegre: uma análise a partir do periódico *A Luta* (1906-1911)**

**Porto Alegre**

**2023**

MAURÍCIO MOROSO KNEVITZ

**Internacionalismo, circulação e usos da informação na imprensa operária de  
Porto Alegre: uma análise a partir do periódico *A Luta* (1906-1911)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Biblioteconomia pela Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Couto  
Corrêa da Silva.

**Porto Alegre**

**2023**

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Patricia Helena Lucas Pranke

## **FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Profa. Dr. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretora: Profa. Dra. Vera Regina Schmitz

## **DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

Chefe: Substituta: Profa. Dra. Caterina Marta Groposo Pavão

## **COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Lucia Dias

Coordenadora Substituta: Profa. Dra. Helen Rose Flores de Flores

### **CIP - Catalogação na Publicação**

Knevitz, Maurício Moroso  
Internacionalismo, circulação e usos da informação  
na imprensa operária de Porto Alegre: uma análise a  
partir do periódico A Luta (1906-1911) / Maurício  
Moroso Knevitz. -- 2023.  
74 f.  
Orientador: Fabiano Couto Corrêa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de  
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Imprensa operária. 2. circulação e uso da  
informação. 3. internacionalismo. 4. anarquismo. 5. A  
Luta. I. Corrêa, Fabiano Couto, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana

Porto Alegre/RS – CEP 90035-007

Telefone: 51 3308 5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

MAURÍCIO MOROSO KNEVITZ

**Internacionalismo, circulação e usos da informação na imprensa operária de  
Porto Alegre: uma análise a partir do periódico *A Luta* (1906-1911)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Biblioteconomia pela Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Aprovado em: \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fabiano Couto Corrêa da Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Orientador

---

Prof. Dr. Helder Volmar Gordim da Silveira  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)  
Avaliador

---

Profa. Me. Marlise Maria Giovanaz  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Avaliadora

## AGRADECIMENTOS

No momento em que concluo uma segunda graduação, devo prestar alguns agradecimentos aos que me apoiaram ao longo desses anos. Primeiramente, agradeço aos meus pais, Genezio e Maraglai, por todo o apoio ao longo de toda a minha trajetória de estudos, iniciada em 2015, quando ingressei no curso de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, seguindo então para o mestrado em 2019, mesmo ano em que também ingressei no curso de Biblioteconomia. Apoio que foi fundamental e incondicional.

Aos que estiveram mais próximos de mim durante os últimos anos. Alexandre Guilhão, Guilherme Garcia, Emerson Folharini e os demais companheiros da banda Silenzio Statico, Michel Munhoz e Magnum Borini – *lo spirito continua!* –, Juliana Roloff, Sebastian Cisternas, Luiz Prado, Michael da Silva e Marlon Fidélis. Sem me esquecer também de Mariana Barroso, que mais recentemente me brindou com o seu carinho e sua presença.

Às colegas Paula Generosi e Thalia Pires, pela paciência e pela parceria ao longo da graduação em Biblioteconomia. A experiência de cursar uma segunda graduação, para mim, foi especialmente cansativa e estressante, e sem a ajuda de vocês eu dificilmente eu estaria concluindo este curso agora.

Se chego no final deste curso, também é porque me encontrei profissionalmente trabalhando em bibliotecas. Assim, não posso deixar de prestar meus agradecimentos à Liliane Santa Helena, Edson Arijú Belmonte, Elisete Sales de Souza, Solange Padilha Ortiz e Bárbara Hoch pelas experiências e aprendizados proporcionados nas bibliotecas do Tribunal Regional Eleitoral, Universidade Federal de Ciências da Saúde e Conselho de Arquitetura e Urbanismo, onde tive a oportunidade de atuar como estagiário ao longo desses anos. Um abraço também aos colegas Douglas Silveira e Thiarles Ferreira, que estagiaram comigo na biblioteca da UFCSPA.

Por fim, agradeço ao professor Fabiano Couto Corrêa da Silva, por topar orientar este trabalho, certamente pouco usual se comparado ao que tradicionalmente vem sendo estudado no campo da Ciência da Informação em nossa universidade, e aos professores Helder Volmar Gordim da Silveira e Marlise Maria Giovanaz, por aceitarem participar de nossa banca e pelas suas valiosas contribuições. Em especial

ao professor Helder, que me orientou da Iniciação Científica ao Mestrado e com quem com comecei a trabalhar com a imprensa como fonte e objeto de pesquisa.

Dedico este trabalho aos bravos que defendem e mantêm a Universidade Pública.

## RESUMO

Este trabalho busca uma aproximação entre a Ciência da Informação e a História Social do Trabalho, propondo uma análise do internacionalismo e da circulação e uso da informação na imprensa operária de Porto Alegre, a partir de um estudo de caso do periódico anarquista *A Luta*, editado entre 1906 e 1911. Para isso, examinamos o periódico *A Luta*, sua linha política e o grupo responsável por sua edição, assim como seus aspectos físicos e formais, buscando uma compreensão completa do periódico enquanto suporte de informação; identificamos e discutimos as informações internacionais publicadas no periódico, bem com os países e temas mais recorrentes e as fontes de informação mais utilizadas; e discorremos sobre os significados e usos das informações internacionais no periódico, argumentando que elas assumiram um valor de propaganda.

**Palavras-chave:** Imprensa operária; circulação e uso da informação; internacionalismo; anarquismo; *A Luta*.

## ABSTRACT

This work seeks for an approximation between the Information Sciences and Social History of Labor, proposing an analysis of internationalism, circulation and use of information in Porto Alegre's workers' press, based on a case study of the anarchist periodical *A Luta*, published between 1906 and 1911. We examined *A Luta*, its political program and its editors, as well as its material and formal aspects, seeking a complete understanding of this journal as an information support. Then, we identified and discussed its published international information, as well as the recurrent countries, themes, and sources of information. Finally, we discuss the meanings and uses of international information in *A Luta*, arguing that they were used to fulfill a propaganda agenda.

**Keywords:** Workers' press; circulation and use of information; internationalism; anarchism; *A Luta*.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – <i>A Luta</i> , edição de 1º de maio de 1907.....	28
<b>Figura 2</b> – Citação de Proudhon preenchendo espaço no periódico.....	29
<b>Figura 3</b> – Anúncio de boicote aos produtos da casa Matarazzo .....	29
<b>Figura 4</b> – Divulgação do panfleto "Bases do sindicalismo", editado pelo grupo editor de <i>A Luta</i> .....	30
<b>Figura 5</b> – "O diabo moderno", ilustração publicada em <i>A Luta</i> na edição do dia 16 de janeiro de 1909 .....	31
<b>Figura 6</b> – <i>A Luta</i> , edição de 17 de outubro de 1909, noticiando a execução de Francisco Ferrer.....	37

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Países mais recorrentes no noticiário internacional de <i>A Luta</i> .....	38
<b>Tabela 2</b> – Temas mais recorrentes no noticiário internacional de <i>A Luta</i> .....	38
<b>Tabela 3</b> – Fontes de informação mais citadas em <i>A Luta</i> .....	45

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
2 “A LIBERDADE PERENE É UMA CONQUISTA PERMANENTE”: CONTEXTUALIZANDO A <i>LUTA</i> .....	17
3 “PELO MUNDO”: A INFORMAÇÃO INTERNACIONAL EM A <i>LUTA</i> .....	34
4 USOS E SIGNIFICADOS DA INFORMAÇÃO INTERNACIONAL EM A <i>LUTA</i> ...	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
REFERÊNCIAS .....	62
ANEXO A – MATÉRIAS INCLUINDO INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS PUBLICADAS EM A <i>LUTA</i> .....	66
ANEXO B – MODELO DE FICHAMENTO UTILIZADO .....	74

## 1 INTRODUÇÃO

Em setembro de 1906, Porto Alegre vivia o prenúncio de uma intensa agitação social que resultaria na primeira greve geral da história do Rio Grande do Sul. Em agosto, os marmoristas da oficina de Jacob Aloys Friedrichs paralisaram as suas atividades exigindo a redução da jornada de trabalho para oito horas diárias. Naquela altura, a jornada de oito horas já era uma das principais reivindicações do movimento operário internacional – ela já estava presente no programa do Partido Socialista do Rio Grande do Sul em 1897 e foi reforçada pelo Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado entre os dias 15 e 22 de abril de 1906 no Rio de Janeiro. Outras categorias logo se uniram aos marmoristas, em um movimento que aos poucos foi se generalizando e culminou na famosa “greve dos 21 dias”<sup>1</sup>. Nesse contexto, em que os trabalhadores da capital começavam “a sentir o mal-estar da sua posição” e faziam notar a sua energia, “mas infelizmente também muita inexperiência”, veio à luz no dia 13 de setembro a primeira edição do periódico *A Luta*, que em seu editorial já manifestava os seus objetivos:

Pretendemos trazer para estas colunas *toda a experiência e toda a observação que colhermos das lutas que se vão empenhando entre trabalhadores e capitalistas de toda a parte do mundo*, luta que vai marcando os passos da espécie humana em marcha para o ideal de uma sociedade onde o baixo egoísmo especulativo não terá guarida e onde, unidos todos os indivíduos pela solidariedade, gozarão da liberdade integral a que fizeram jus<sup>2</sup>.

Seus editores eram militantes anarquistas que buscavam influenciar os rumos do movimento operário de Porto Alegre. Mas apesar de atuarem fundamentalmente no meio local, também demonstravam interesse pelas lutas travadas “entre trabalhadores e capitalistas de toda a parte do mundo”. Ao longo dos cinco anos em que foi publicado, o periódico manifestou uma profunda preocupação internacionalista e publicou diversas informações sobre a classe trabalhadora e suas lutas no exterior. Mas que tipo de informações internacionais eram publicadas em *A Luta*? Como as informações internacionais circulavam naquele contexto e como elas eram utilizadas e significadas nas páginas do periódico? Neste trabalho, buscamos responder essas questões, a partir de um estudo de caso sobre a circulação e os usos da informação

---

1 Cf. Bak (2003) e Schmidt (2005).

2 “A Luta”, **A Luta**, 13 de setembro de 1906, p. 1. Grifos nossos.

em um órgão da imprensa operária de Porto Alegre e procuramos identificar as informações internacionais publicadas em *A Luta*, os temas e países mais recorrentes, as fontes de informação citadas e como as informações eram utilizadas e significadas no periódico.

A imprensa operária é um tema muito pouco estudado pela Ciência da Informação. Uma busca pelo termo “Imprensa operária” ou equivalentes (“Imprensa proletária”, “Jornalismo operário” e “Worker’s press” ou “Labor press”, em inglês) nas principais bases de dados da área recupera pouquíssimos resultados. Na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), por exemplo, a pesquisa recuperou apenas um resultado – um artigo de Rozinaldo Antonio Miani (2010) publicado na revista *Em Questão*, que desenvolve uma reflexão mais ampla sobre o conceito de “imprensa das classes subalternas” –, enquanto em bases de dados internacionais, como a *Eprints in Library and Information Science* (E-Lis), a busca sequer recuperou resultados relevantes.

Por outro lado, a imprensa operária é um tema consagrado na historiografia e na área da comunicação. No campo da História Social do Trabalho, em especial, a imprensa operária sempre foi compreendida como uma fonte de pesquisa valiosa, e tornou-se também um objeto de estudos. A produção sobre o tema é tão ampla que iremos nos reservamos a citar apenas alguns trabalhos que tratam diretamente da imprensa operária do Rio Grande do Sul, a começar pelo *Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul* de Silvia Petersen (1989), que consiste em um levantamento de títulos e informações disponíveis sobre os jornais operários gaúchos editados entre 1874 e 1940. *A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1873-1974)*, de João Batista Marçal (2004), vai no mesmo sentido, mas sugere um recorte cronológico mais amplo, além de identificar e fornecer alguns dados biográficos dos principais jornalistas operários que atuaram no Rio Grande do Sul. De maior fôlego é a dissertação de Jorge Luiz Jardim (1990), que embora considere um recorte cronológico mais restrito do que as duas obras já citadas, realiza uma ampla discussão sobre a imprensa operária gaúcha publicada entre 1892 e 1920. Existem, ainda, alguns estudos específicos sobre o periódico *A Luta*, como o trabalho de Evangelia Aravanis (2002), e o de Benito Schmidt (2000), que aborda as polêmicas travadas entre *A Luta* e *A Democracia*, periódico socialista editado no mesmo período.

Contudo, apesar de verificarmos uma ampla produção historiográfica sobre a imprensa operária gaúcha, os estudos mencionados não chegam a abordar as

dinâmicas de circulação e uso da informação nesses meios. Na verdade, tal abordagem ainda é incipiente nos estudos sobre a imprensa operária em geral. Uma exceção é o estudo de Juan Buonome (2022) sobre a circulação de informações internacionais no periódico socialista argentino *La Vanguardia*, no qual buscamos inspiração. O autor entende que os meios de comunicação modernos foram elementos importantes na construção do internacionalismo socialista, na medida em que facilitaram a construção de um sentimento de solidariedade através de “um instrumento de transformação política e social” (Buonome, 2022, p. 13) como a imprensa operária. Diante das desconfianças em relação às agências de notícias internacionais, surgiu a necessidade de criar “um sistema alternativo de imprensa e informação capaz de sustentar a solidariedade e a cooperação” (Buonome, 2022, p. 36) entre os trabalhadores ao redor do mundo, de tal forma que a circulação e a difusão de informações ocuparam um lugar relevante dentro do discurso e das práticas do socialismo na Argentina. No mesmo sentido, e considerando uma escala global, Marcel van der Linden (2013, p. 293-294) afirma que a troca de informações era uma das motivações do internacionalismo proletário, uma vez que as lideranças operárias desde cedo reconheceram “a necessidade de compreender o desenvolvimento dos salários e dos preços, a legislação trabalhista etc. em outros países”. Mas é importante destacar que o internacionalismo proletário não foi motivado apenas por questões econômicas, mas também políticas e sociais, “especialmente em tempos de intensificação e de grande visibilidade da luta de classes no âmbito internacional”. Acreditamos que essas afirmações podem ser válidas para o movimento operário de Porto Alegre.

Assim, este trabalho encontra uma justificativa ao apresentar um tema ainda pouco explorado pela História Social do Trabalho e pela Ciência da Informação – a circulação e o uso de informações na imprensa operária. A análise da circulação e do uso de informações em *A Luta* pode fornecer alguns subsídios para melhor compreender o internacionalismo e as disputas ideológicas no seio do movimento operário em Porto Alegre e, nesse sentido, buscamos uma articulação entre a História Social do Trabalho e a Ciência da Informação. A História Social do Trabalho se preocupa com o cotidiano, a cultura, as instituições, os debates políticos, as experiências e as lutas da classe trabalhadora. Já a Ciência da Informação, de acordo com Harold Borko (1968), é uma disciplina que se dedica a estudar a produção, organização, disseminação e uso da informação em diversos contextos, sendo

definida por ele como uma “ciência interdisciplinar”. Aqui, o conceito de “informação” é absolutamente central, e para perseguir os fins aqui propostos, adotamos o conceito de “informação como coisa”, elaborada por Michael Buckland (1991). O autor enfatiza a materialidade da informação, que se expressa em dados, documentos e textos, aos quais os seres humanos atribuem sentido através de uma série de operações: examinam, descrevem, categorizam, compreendem, interpretam, difundem<sup>3</sup>. Assim, a informação é dotada de um significado e uma finalidade para o indivíduo ou grupo que a utiliza. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que a difusão da informação pode ter um papel importante na formação de opinião e na construção de movimentos sociais, como é o caso do movimento operário.

Para analisar o papel da informação nesse processo, é possível utilizar o modelo de comunicação proposto por Lasswell (1987), que considera os cinco elementos essenciais da comunicação: quem (emissor), diz o quê (conteúdo), por meio de que canal (veículo de informação), para quem (receptor) e com que efeito. Nesse sentido, sustentaremos a hipótese de que a difusão de informações internacionais em *A Luta* buscou, por um lado, fomentar um sentimento internacionalista entre os trabalhadores em Porto Alegre e, por outro, combater ideologicamente os seus rivais no interior do movimento operário local, apresentando exemplos a serem seguidos ou evitados.

Em relação ao periódico *A Luta*, nossa principal fonte de pesquisa, não podemos perder de vista a sua especificidade enquanto um órgão da *imprensa operária*. A imprensa operária se diferencia da imprensa comercial em diversos sentidos. A historiadora Maria Nazareth Ferreira (1988, p. 6) a definiu da seguinte maneira:

Quando se fala em imprensa operária, imediatamente se imagina uma imprensa produzida por operários. Isto se considerada do ponto de vista do emissor; mas, se do ponto de vista do receptor, é aquela que se dirige, prioritariamente, ao público operário. Do ponto de vista da mensagem (conteúdo), pode-se também considerar como imprensa operária aquela cuja temática básica são os problemas dessa classe social. [...] O que resulta significativo da imprensa operária é o fato de que ela estará sempre ligada a

---

3 Buckland (1991) também destaca que o conceito de “informação como coisa” se relaciona com a noção de “informação como processo” (o ato de informar ou se informado) e de “informação como conhecimento” (ligada a um processo cognitivo). A “informação como coisa” pode ser assimilada através de um processo (a leitura de um texto) que resultará em conhecimento (a partir do momento em que o leitor do texto estiver informado), mas aquilo que efetivamente é manipulado e operacionalizado é a informação física.

alguma forma de organização da classe trabalhadora [...], circulando de maneira diferente da imprensa burguesa, ou grande imprensa.

Essa definição nos permite identificar as principais particularidades da imprensa operária e é ampla o suficiente para definir não apenas os periódicos produzidos por operários, mas também aqueles que “visam a esse público, abordam uma temática operária e expressam, de uma maneira ou de outra, as reivindicações do operariado”, ao mesmo tempo em que se conforma como um “instrumento de informação, conscientização e mobilização” intimamente vinculado ao movimento dos trabalhadores (Ferreira, 1988, p. 6).

Assumimos como bases metodológicas a pesquisa documental e a análise de conteúdo. A documentação analisada consiste, evidentemente, nos exemplares disponíveis do periódico *A Luta*. O exame da documentação foi feito através da análise de conteúdo, metodologia proposta por Laurence Bardin e que consiste em um “conjunto de técnicas cuja aplicação, através de procedimentos sistemáticos, visa produzir inferências”. São técnicas sistematizadas para “ler e interpretar o conteúdo de qualquer tipo de documento, e mais concretamente, de toda a espécie de documento escrito” (Constantino, 2002, p. 186). A análise de conteúdo é iniciada com uma pré-análise, na qual os documentos são identificados e organizados. Nesse primeiro momento, realizamos os fichamentos das fontes a serem analisadas. Em seguida, examinamos o material selecionado à luz das hipóteses e referenciais teóricos apresentados. Por fim, os resultados da pesquisa documental foram analisados e discutidos nas seções que o leitor irá percorrer a seguir.

Primeiramente, buscamos analisar e contextualizar o periódico *A Luta*. Apresentamos o seu programa político e ideológico, seus editores, suas particularidades e suas características físicas e formais, pois já que estamos trabalhando com a perspectiva de “informação como coisa”, consideramos fundamental compreender o suporte na qual a informação está presente.

A seguir, discutimos brevemente as noções de *capitalismo editorial* e *notícia-acontecimento*, argumentando que o desenvolvimento dos meios de comunicação modernos e o tipo de informação que era veiculada por esses meios criaram uma noção de simultaneidade e pertencimento que contribuiu para a consolidação do internacionalismo operário. A partir daí, foi feito um levantamento das informações internacionais publicadas em *A Luta* na forma de *notícia-acontecimento*, e

identificamos e discutimos sobre os países e temas mais recorrentes no periódico e as fontes dessas informações.

Por fim, discorremos sobre o uso e os significados da informação internacional em *A Luta*. Argumentamos que a informação internacional assumia um valor de propaganda, servindo para combater os adversários ideológicos no interior do movimento operário local através de exemplos do exterior e, ao mesmo tempo, dar um sentido internacionalista à luta dos trabalhadores em Porto Alegre.

Ao fim deste trabalho, apresentamos algumas considerações à guisa de conclusão.

## 2 “A LIBERDADE PERENE É UMA CONQUISTA PERMANENTE”: CONTEXTUALIZANDO A LUTA

Conhecemos bem o caminho que vamos trilhar; e sabemos ter de lutar num meio, onde qualquer aspiração emancipadora não encontra eco, as mais das vezes, na condensação de uma atmosfera que tem o peso de séculos e séculos de preconceitos e rotina.

Entramos na luta confiando na solidariedade de todos aqueles que, como nós, julgarem úteis os nossos esforços<sup>4</sup>.

*A Luta* foi um periódico anarquista editado em Porto Alegre entre 1906 e 1911, com duas breves “reencarnações” em 1918 e entre 1928 e 1930. Sua primeira fase, mais duradoura, marcou o início de uma intervenção mais sistemática dos anarquistas no movimento operário local. Antes de 1906, a presença dos libertários ainda parecia tímida entre os trabalhadores organizados em Porto Alegre. Como mencionamos na introdução deste trabalho, a publicação de *A Luta* se iniciou às vésperas da greve geral que paralisou a capital gaúcha entre os dias 3 e 21 de outubro de 1906, num momento em que os trabalhadores da cidade se mobilizavam pela jornada de oito horas de trabalho. Embora o movimento tenha sido impulsionado pelo Sindicato dos Marmoristas, de orientação libertária, o operariado gaúcho ainda se encontrava em seu “período de afirmação” e sob grande influência da socialdemocracia alemã, “com a qual estavam identificadas as principais lideranças que aqui atuavam” (Marçal, 1985, p. 14), como Carlos Cavaco e Francisco Xavier da Costa<sup>5</sup>. Assim, o periódico apareceu com o duplo propósito de reunir a militância anarquista de Porto Alegre e, principalmente, difundir a organização sindicalista e o ideal libertário entre os trabalhadores da capital gaúcha:

Ao encetarmos a publicação da *Luta* tivemos em vista fazer propaganda para a organização operária pelo sindicato, não só por, de há muito, julgarmos este meio de luta o mais lógico e o único capaz de por os trabalhadores, em geral, em marcha para a conquista da maior soma possível de bem-estar, como por ter sido também uma das resoluções do último Congresso operário realizado no Rio.

Como temos procurado explicar, sempre que tratamos de sindicalismo, das associações operárias desse gênero devem ser excluídas todas as ideias políticas, religiosas ou filosóficas, e apenas prevalecer a de uma conquista econômica pela ação direta dos indivíduos conscientes e solidários.

Como, porém, trata-se aí apenas de um método de luta para a obtenção de um bem-estar relativo e não de conseguir por tal meio estabelecer uma nova sociedade, é claro que fica aos indivíduos sindicados a faculdade de optar por este ou aquele princípio. [...] Nós [...] somos libertários, isto é, julgamos

4 “A Luta”, *A Luta*, 13 de setembro de 1906, p. 1.

5 Sobre estes dois militantes socialistas, cf. Schmidt (2004).

que, como base de uma sociedade livre, é necessária transformação da propriedade particular em propriedade social, a solidariedade humana na luta contra a natureza e a cooperação dos esforços para se obter a maior soma possível de bem-estar; sob o ponto de vista da organização, queremos a vida social assente sobre a iniciativa individual e o livre acordo sem delegação de espécie alguma de poder<sup>6</sup>.

Nesta seção, examinaremos o periódico *A Luta*, sua linha política, seu grupo editorial e seus aspectos formais e materiais. Consideramos que um entendimento geral do periódico enquanto suporte de informação é essencial para compreender como a sua mensagem era transmitida e absorvida pelos leitores da época.

Primeiramente, é necessário discorrer sobre a linha política do periódico. Cumpre destacar que o sindicalismo defendido pelos militantes reunidos em torno do jornal era o *sindicalismo revolucionário*, uma forma de ação e organização da classe trabalhadora que privilegiava a ação direta, o federalismo, a autonomia sindical e recusava qualquer tipo de participação ou envolvimento dos operários na política parlamentar. De acordo com Kenyon Zimmer (2018, p. 354) e Lucien van der Walt (2018, p. 253), os princípios do sindicalismo revolucionário foram elaborados no interior ala antiautoritária da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), liderada por Mikhail Bakunin. Bakunin defendia que as associações operárias deveriam manter sua autonomia em relação aos partidos políticos, incluindo aqueles que se identificassem como socialistas ou operários, e que as bases da organização operária deveriam ser exclusivamente econômicas. Karl Marx, por sua vez, defendia que a classe trabalhadora deveria se organizar em partido para granjear a conquista do poder político. As divergências entre Marx e Bakunin fundamentaram uma grande cisão no movimento operário e socialista internacional, sustentada por aqueles que aceitavam a ação política (reformista ou revolucionária) e aqueles que a rejeitavam<sup>7</sup>. Os anarquistas reunidos em torno de *A Luta*, portanto, defendiam as posições de Bakunin frente aos socialistas que adotavam as formulações de Marx. Em resumo,

[...] enquanto os socialistas consideravam a luta político-partidária uma das vias para a derrubada da sociedade capitalista, a vertente sindicalista do anarquismo considerava que o sindicato e as suas lutas de caráter econômico seriam as experiências fundantes da sociedade ácrata, recusando a participação política e a luta pelo domínio do Estado, vias que apenas instaurariam outro tipo de poder (Petersen, 2001, p. 147-148).

---

6 “Duas palavras”, *A Luta*, 10 de outubro de 1906, p. 1.

7 Sobre as disputas entre Marx e Bakunin no interior da AIT e suas consequências para o movimento operário e socialista internacional, cf. Eckhardt (2016).

Contudo, é importante destacar que entre os socialistas no Rio Grande do Sul existiam duas propostas políticas em disputa:

A primeira julgava a constituição de um partido socialista de massas – a exemplo do Partido Social-Democrata Alemão – como pré-requisito para a ampliação do movimento operário. [...] A segunda proposta acreditava que o partido operário seria resultado da organização e ampliação das associações de trabalhadores e que, portanto, era nelas prioritário investir (Silva Jr., 1996, p. 9).

No interior do anarquismo também existiam divergências e ocorreram controvérsias em torno da ação sindical. Alguns militantes libertários consideravam que a organização operária era essencialmente burocrática e reformista, e, portanto, rejeitavam o sindicalismo. Um texto publicado no periódico *La Barricata*, editado por anarquistas italianos em São Paulo no ano de 1913, sintetiza bem esta posição:

[...] o sindicalismo nada tem de comum com o anarquismo, ou melhor tem de mais: o caráter efetivo de ação do sindicalismo é uma negação do anarquismo.

Ideologicamente o sindicalismo almeja a constituição, no campo do trabalho, de uma casta predominante de proletários organizados. Isto é, aspira à constituição de uma aristocracia de classe, ou para falar em termos mais claros, à dominação do sindicato, seja no campo da produção, seja no campo do consumo.

Na prática, o sindicalismo luta para melhorar o regime do trabalho assalariado. Como melhorar uma coisa significa também conservá-la, sucede que, como consequência lógica, o sindicalismo trabalha para a consolidação do regime burguês.

O fato de haver-se declarado partidário da ação direta e dos métodos violentos de conquista, não implica de forma alguma que o sindicalismo conceba a revolução em um sentido anarquista ou social. [...] O sindicalismo não é mais do que uma vasta burocracia fanfarrona e dominadora, bastante faminta de fama e de comida. O dinheiro, a infame moeda que o anarquismo odeia, é o ideal de suas batalhas. Greves, greves, greves, para fazer aumentar os salários, para obter bons salários, para melhorar, para que se conserve até o fim dos séculos o regime do trabalho assalariado, que nós, os loucos da anarquia, queremos destruir. [...] O sindicalismo quer destruir o privilégio do patrão para estabelecer o próprio. A organização de classe é que deve terminar ditando a lei. [...] A sua força não deve servir para ajudar nenhuma causa estranha mas sim para impor a sua ditadura, a sua lei. O sindicalismo não quer libertar a humanidade, mas simplesmente os sindicalistas (Pinheiro; Hall, 1979, p. 129-130).

Os anarquistas em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul, porém, adotaram posturas geralmente favoráveis ao sindicalismo<sup>8</sup>, o que inclusive permitiu alguma

---

<sup>8</sup> Isto é, pelo menos até o final da década de 1920. Após a onda grevista de 1917-1921, o sindicalismo revolucionário entrou em um período de crise no Brasil, que foi provocado tanto pela repressão

colaboração com os socialistas durante o processo de formação do movimento operário gaúcho, embora a situação tenha se alterado quando as divergências entre as duas correntes se tornaram mais evidentes (Petersen, 2001, p. 147). De acordo com o historiador Tiago Bernardon de Oliveira (2010, p. 177), “uma parte significativa dos militantes anarquistas converteu-se em importante força propulsora do sindicalismo”, considerando que a ação sindical era “o método mais promissor para tornar possível a eclosão de um processo revolucionário”. Como é possível constatar através da leitura do periódico *A Luta*, o sindicalismo era compreendido como um “método de luta no presente”<sup>9</sup>, e não como um fim em si mesmo. Consideravam que a “ação direta dos indivíduos conscientes e solidários contra o patronato e as instituições que o conservam e apoiam”<sup>10</sup> era a forma mais eficiente de obter conquistas mais imediatas para a classe trabalhadora, e, ao mesmo tempo, prepará-la para a greve geral revolucionária. Já a defesa da autonomia e da neutralidade política dos sindicatos foi apropriada pelos anarquistas como uma forma de impedir a instrumentalização das organizações operárias pelos socialistas, além de oferecer aos militantes libertários a possibilidade de “continuar a participar da vida no interior das associações de trabalhadores e, assim, contribuir para torná-las meios revolucionários” (Oliveira, 2010, p. 183).

A necessidade de criar um meio para difundir o sindicalismo e as ideias anarquistas foi um dos principais fatores que motivaram a publicação de *A Luta*. A militância libertária compreendia que o jornal era um veículo “dinâmico e eficaz de propagação de idéias entre os trabalhadores” (Jardim, 1990, p. 27). Além disso, a imprensa funcionava não apenas como um meio de agitação e propaganda, mas

---

governamental quanto pelo questionamento de seus métodos e de sua eficácia. Os anarquistas ainda conseguiram manter a sua influência no movimento operário no Rio Grande do Sul por algum tempo, mas a eclosão da guerra civil em 1923 acabou envolvendo os trabalhadores gaúchos nas disputas partidárias entre o Partido Republicano Riograndense (PRR) e a Aliança Libertadora (AL). De acordo com Beatriz Loner (2007, p. 522), este envolvimento foi “desastroso, tanto individual como coletivamente”, com o “surgimento de conflitos e desconfianças entre as lideranças, dissolvendo-se associações e trabalhos conjuntos pelo afastamento de pessoas e militantes devido ao medo da manipulação”. Sobretudo a partir de 1925, a influência anarquista no movimento operário gaúcho começou a arrefecer, com uma constante diminuição do número de militantes e organizações sindicais. Em 1928, entendendo que o sindicalismo “havia sido uma das causas do enfraquecimento do movimento libertário”, os anarquistas reunidos no Quarto Congresso Operário do Rio Grande do Sul propuseram uma nova orientação, mais voltada ao trabalho “cultural e educativo” e propondo a criação de “associações proletárias, de pensamento anti-estatal e anticlerical e sem caráter sindical”.

<sup>9</sup> “A Luta”, *A Luta*, 13 de setembro de 1906, p. 1.

<sup>10</sup> *Idem*.

também como uma “ferramenta de organização que criava ao seu redor uma rede de trocas e vínculos”:

O papel atribuído à imprensa pelo movimento libertário era central e desde o final do século XIX uma série de publicações estáveis constituíram um núcleo sólido que contribuiu, junto aos centros e círculos, a agrupar o movimento e dar-lhe voz na ausência de um partido centralizado (Anapios, 2011, p. 7, tradução nossa).

A importância dada pelos anarquistas à imprensa foi destacada por vários autores. Jardim (1990, p. 7) sustenta que o jornal se constituiu “num dos principais centros organizatórios dos anarquistas” e, em alguns casos, de acordo com Godoy (2018, p. 75-76), os periódicos “extrapolaram suas funções usuais de veículos de propaganda” e converteram-se em verdadeiros “comitês de correspondência” e “centros de discussão” através dos quais ocorriam as articulações entre a militância local e internacional. Em estudo recente, Kathy E. Ferguson (2023, p. x) chega a afirmar que os periódicos não apenas forneciam informações sobre o movimento anarquista, mas, em grande parte, eram o próprio movimento anarquista. Nesse sentido, podemos afirmar que a publicação de *A Luta* também foi motivada por uma necessidade de agrupar a militância libertária de Porto Alegre.

Ao que tudo indica, *A Luta* foi possivelmente o primeiro periódico anarquista do Rio Grande do Sul<sup>11</sup>. Sua publicação indica um certo nível de desenvolvimento da militância anarquista em Porto Alegre, pois como afirmou Jardim (1990, p. 25), a publicação de um jornal operário requer “pelo menos que algumas pessoas tenham adquirido consciência política” em relação à classe social e/ou ideologia que defendem, além de “um público receptor que possa acolher e apoiar a publicação”. A presença do anarquismo em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul antes de 1906 ainda

---

11 Algumas fontes (Rodrigues, 1969; Ferreira, 1978; Marçal, 1995) afirmam que existiu, em 1894, um periódico anarquista de mesmo nome publicado em Porto Alegre. Embora Ferreira (1978, p. 103) faça citação direta de um periódico editado naquele ano por anarquistas “no sul do país”, a autora não indica onde ou como ele foi consultado, e *A Luta* de 1906 não faz nenhuma menção ao seu suposto antecessor de 1894 – o que é de se estranhar, uma vez que em suas “reencarnações” de 1918 e 1928-1930 encontramos menções às fases anteriores do periódico. De acordo com Jardim (1990, p. 89), se *A Luta* de 1894 realmente existiu, provavelmente não passou de sua primeira edição. Também não pode ser descartada a hipótese de que Rodrigues, Ferreira e Marçal tenham se deixado levar por um possível erro tipográfico presente em um texto de Polidoro Santos, publicado em 1914 na revista *A Vida*, do Rio de Janeiro. No texto em questão, Polidoro afirma que “por ocasião de um início de greves nesta capital, em 1894”, a militância libertária “começou a publicar um quinzenário anarquista denominado *A Luta* que durou até 1910” (Petersen, 2001, p. 136). Como afirma Jardim (1990, p. 90), é quase certo que Polidoro esteja se referindo ao movimento grevista de 1906, já que *A Luta* iniciou a sua publicação naquele contexto e não existem registros de greves em Porto Alegre no ano de 1894.

é um tema pouco estudado<sup>12</sup>, mas sabe-se que os anarquistas participaram da fundação da União Operária Internacional em 1902 e já exerciam alguma influência entre os trabalhadores italianos, o que pode ser notado a partir da grande quantidade de nomes de origem italiana presentes nas listas de subscrição de *A Luta*, conforme observou Joan Bak (2003, p. 203).

E quem eram os militantes responsáveis pela edição do periódico? Pelo menos até o início de 1908, podemos afirmar que a principal figura por trás de *A Luta* era Stefan Michalski. Marçal (1995, p. 124) assegura que ele foi um dos diretores do periódico, embora esse cargo “não existisse formalmente” na redação de um jornal anarquista. De origem polonesa e muito ativo no movimento operário<sup>13</sup>, Michalski era responsável pela redação e correspondência do periódico, sendo, portanto, um dos articuladores das relações que *A Luta* mantinha com os seus congêneres no Brasil e no exterior. Entusiasta do esperanto, defendia o uso da língua como um meio útil para a troca de informações entre os trabalhadores do mundo: “[...] no dia em que os trabalhadores de extremidades opostas do globo, puderem trocar livremente ideias entre si, terão dado um grande passo para sua emancipação”<sup>14</sup>. Nesse sentido, Michalski chegou a colaborar com a *Internaciona Socia Revuo*, “uma revista social internacional, redigida inteiramente em esperanto”, sendo um de seus correspondentes no Brasil<sup>15</sup>.

Michalski também foi um dos fundadores da Escola Eliseu Reclus, que, de acordo com Jardim (1990, p. 97) manteve “uma relação de complementaridade na difusão dos ideais libertários e na organização dos trabalhadores” com *A Luta*. Em um primeiro momento, inclusive, a redação d’*A Luta* chegou a dividir o mesmo endereço com a Escola Eliseu Reclus (Rua dos Andradas, n. 64). A Escola se definia como um “grupo de estudos livres baseado nos mesmos princípios das modernas universidades populares, onde podem os trabalhadores encontrar fácil meio de

---

12 Petersen (2001, p. 134-139) nos fornece algumas informações, baseando-se no já mencionado texto de Polidoro Santos publicado na revista *A Vida*, do Rio de Janeiro. Segundo a autora, o anarquismo no Rio Grande do Sul teria “suas origens ligadas à colônia Cecília, instalada no Paraná em 1890, pois recebeu elementos desta comunidade quando da sua extinção, em 1893”. A colônia Cecília foi uma experiência promovida por Giovanni Rossi e um grupo de anarquistas italianos que buscavam estabelecer uma comunidade rural utópica baseada na prática de certos princípios libertários, como a ajuda mútua e o amor livre. Com o fim da experiência, alguns ex-colonos teriam chegado à capital gaúcha e iniciado militância no movimento operário.

13 Michalski foi um dos dirigentes do Sindicato dos Marmoristas em 1906 e da União Operária Internacional em 1907.

14 “A língua internacional”, *A Luta*, 15 de dezembro de 1906, p. 3.

15 “Publicações novas”, *A Luta*, 15 de abril de 1907, p. 4.

adquirir conhecimento”<sup>16</sup>. Além de oferecer aulas noturnas para os operários, ela mantinha uma sala de leitura, onde os trabalhadores poderiam encontrar livros, revistas e jornais para consulta local:

Anexo à Escola Eliseu Reclus, acha-se instalado o Gabinete de Leitura da *Luta*, onde o proletariado encontrará, além de grande número de livros de propaganda operária, todos os jornais que permutam conosco e que são numerosos<sup>17</sup>.

Michalski aparece como responsável pela redação e correspondência de *A Luta* até 18 de março de 1908<sup>18</sup>, mas é possível que ele tenha exercido estas funções até a edição de 1º de maio daquele ano, que ainda indicava o seu endereço – Rua dos Andradas, n. 64 – para o envio de correspondências<sup>19</sup>.

Além de Michalski, outras figuras de destaque no grupo editor de *A Luta* foram Polidoro Santos, José Rey Gil, Gomes Ferro, Reinaldo Frederico Geyer e Pedro Mayer. Discorreremos brevemente sobre cada um deles.

Polidoro Santos é frequentemente citado como sendo um dos diretores do periódico, colaborando com a sua publicação durante toda a sua existência. Tipógrafo e jornalista, iniciou sua militância na União Operária Internacional em 1906, mesmo ano em que *A Luta* começou a ser publicado. Nossa principal fonte de informações sobre ele é um necrológio publicado em 1924 no periódico *O Syndicalista*, órgão da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), que destaca a sua “erudição excepcional” e suas habilidades como tipógrafo, “profissão na qual era verdadeiro artista, tendo a faculdade de criar com facilidade assombrosa novas concepções, era respeitado tanto pelos patrões como pelos seus colegas de profissão”. Além de *A Luta*, dirigiu ainda *A Aurora* e a *Revista Liberal*, colaborando também com *O Syndicalista*<sup>20</sup>. Em *A Luta*, assinava seus textos como “P. S.” ou “P. Santos”.

16 “Escola Eliseu Reclus”, *A Luta*, 13 de setembro de 1906, p. 1. A mesma fonte afirma que na Escola Eliseu Reclus eram lecionadas aulas de “esperanto, francês, português, aritmética, matemática, história universal, desenho, ginástica sueca, etc. Havendo também palestras sobre anatomia descritiva, mecânica, física, química, etc.”.

17 “Factos e Comentários: Gabinete de leitura”, *A Luta*, 1º de junho de 1909, p. 2. A criação de bibliotecas e salas de leitura foi uma prática comum entre a militância anarquista e operária durante o início do século XX, sendo inclusive recomendada em resolução aprovada no Primeiro Congresso Operário Brasileiro (Pinheiro; Hall, 1979, p. 52).

18 *A Luta*, 18 de março de 1908, p. 4.

19 *A Luta*, 1º de maio de 1908, p. 4. O nome de Michalski ainda aparece em uma lista de subscrições voluntárias publicada em 19 de julho de 1908. Marçal (1995, p. 124) afirma que ele esteve “morando em Rivera, no Uruguai, e em 1915 casou em Livramento com Eulália Militina, filha de um alfares da guerra do Paraguai”, tendo retornado a Porto Alegre mais tarde.

20 “Polydoro Santos”, *O Syndicalista*, novembro de 1924, p. 1.

José Rey Gil foi um dos principais colaboradores de *A Luta* em seus primeiros anos, e até 1907 participou de sua redação junto a Stefan Michalski (Petersen, 2001, p. 188). Com uma intensa trajetória militante, afirmava ser um “extremado livre pensador” desde os 15 anos de idade. Foi membro da maçonaria, que logo abandonou “por estar em desacordo” com o seu “modo de pensar”, e iniciou sua militância política em Pelotas, ainda nos anos do império. Identificou-se com o republicanismo e foi um dos fundadores do Clube Republicano Internacional, participando também do Clube Nagô, uma associação abolicionista. Após a Proclamação da República, participou da Guarda da República, “criada espontaneamente num momento de entusiasmo, quando se temia a volta da monarquia”. Veio a Porto Alegre por volta de 1895, já desiludido com a política republicana:

A república burguesa não satisfazia mais as minhas aspirações de Justiça e Igualdade que tanto ansiava. Da leitura de alguns livros e folhetos de propaganda socialista optei entusiasticamente por outro regime mais livre, mais em harmonia com as necessidades do homem moderno<sup>21</sup>.

Inicialmente militou ao lado dos socialistas e foi um dos dirigentes da Liga Operária Internacional entre 1895 e 1898, passando às fileiras do anarquismo por volta de 1899.

Gomes Ferro, pseudônimo de Henrique Gomes Ferreira, foi um médico e intelectual anarquista natural de Porto Alegre. Filho de um rico comerciante português, sua presença no meio operário causou “escândalo na cidade, não só pelas suas idéias, seu extremado anti-clericalismo, como pelo combate que move à reação através da ação direta na universidade e na imprensa” (Marçal, 1995, p. 66). Apontado como um dos principais editores de *A Luta*, também colaborava com o jornal anticlerical *Lúcifer*, ministrava aulas na Escola Eliseu Reclus e foi um dos fundadores do Grupo Filodramático Libertário, que encenava peças de teatro para operários.

Também médico, Reinaldo Frederico Geyer esteve envolvido com a redação de *A Luta*, assinando textos como “Alcaíame”, “F. R.” e “Dr. Fred Geyer”. Assim como Michalski, era um entusiasta do esperanto e foi um dos fundadores da *Esperanta*

---

21 “Hipócrita e mentiroso”, *A Luta*, 15 de março de 1907, p. 4. Este texto foi publicado no contexto de uma polêmica travada entre *A Luta* e o líder socialista Francisco Xavier da Costa, responsável pelo periódico *A Democracia*. A polêmica é objeto de um estudo de Schmidt (2000).

*Societo Sud Rio-Granda*, associação esperantista pioneira no estado. Marçal (1995, p. 79) o aponta como um dos “principais professores” da Escola Eliseu Reclus.

Sobre Pedro Mayer, pouco se sabe. De origem alemã, foi um dos dirigentes da Liga Operária Internacional em 1895 junto de José Rey Gil e, assim como ele, passou do socialismo ao anarquismo. Em 1907, ocupava a presidência da *Allgemeiner Arbeiterverein*, associação dos trabalhadores alemães de Porto Alegre (Marçal, 1985, p. 62-63). Em 1908, se encarregou da redação e da correspondência de *A Luta*, sucedendo Michalski: no dia 23 de maio daquele ano, encontramos um aviso informando que toda a correspondência “deve ser dirigida à redação da *Luta*, Avenida Germania n. 8”<sup>22</sup>, endereço atribuído a Mayer<sup>23</sup>. A partir da edição do dia 19 de julho, ele aparece como encarregado da correspondência de Porto Alegre, enquanto as correspondências de fora da capital passariam a ser endereçadas para a caixa postal n. 85<sup>24</sup>. Este será o endereço fixo de *A Luta* até o fim de sua publicação. A correspondência do periódico ainda ficaria a cargo de Joaquim Hoffmeister e Cecílio Dinorá (que também era responsável pela sua parte financeira)<sup>25</sup>, mas Pedro Mayer e Polidoro Santos constarão como membros regulares do grupo editor do periódico até a sua última edição<sup>26</sup>.

Até a segunda metade de 1907, *A Luta* conseguiu se manter como uma publicação quinzenal, mas sua regularidade foi interrompida em julho daquele ano por conta de problemas financeiros. Quando o periódico retomou a sua publicação em setembro, deixou clara a sua situação:

Por motivos alheios à nossa vontade e que muito de perto dizem respeito aos nossos leitores, só hoje podemos dar à publicidade o n. 22 do nosso periódico.

Desnecessário se torna mostrar que é indispensável um periódico que profligue os mistificadores que surgem a cada momento e com cinismo repugnante decantam as belezas desta moribunda sociedade, procurando perpetuar a escravidão.

Aos camaradas sinceros e a todos de boa vontade cumpre, pois, congregar seus esforços para prosseguir a obra de propaganda por nós iniciada e tornar mais certa a vida da *Luta*.

Nada pedimos nem exigimos, esperamos; entretanto, que os camaradas tomarão em conta o nosso apelo afim de que, coberto que seja o déficit inicial, como tencionamos, a publicação semanal da *Luta*<sup>27</sup>.

---

22 *A Luta*, 23 de maio de 1908, p. 2.

23 “Espediente”, *A Luta*, 20 de junho de 1908, p. 2.

24 “Espediente”, *A Luta*, 19 de julho de 1908, p. 4.

25 “Espediente”, *A Luta*, 19 de dezembro de 1908, p. 3.

26 “Espediente”, *A Luta*, 18 de fevereiro de 1911, p. 3.

27 “A Luta”, *A Luta*, 3 de setembro de 1907, p. 1.

As dificuldades financeiras foram um problema crônico enfrentado pelos periódicos operários daquele período. Publicações anarquistas como *A Luta* geralmente não aceitavam publicidade e, como observado por Ferreira (1988, p. 19), o público leitor da imprensa operária “era composto de trabalhadores de baixo poder aquisitivo, não sendo possível a sobrevivência com recursos do próprio jornal”. Além disso, os problemas de manutenção do periódico refletiam um “certo refluxo” do movimento operário de Porto Alegre, que “logo atingiria a imprensa socialista, fazendo-a desaparecer em 1908” (Jardim, 1990, p. 93). Apesar das dificuldades, *A Luta* ainda conseguirá se manter, embora sem lograr o objetivo de se tornar uma publicação semanal. Entre setembro de 1907 e janeiro de 1909, o periódico manteve uma regularidade mais ou menos mensal, com apenas uma interrupção registrada entre 18 de março e 1º de maio de 1908.

A partir de 1909, as dificuldades se tornaram mais sérias e a publicação de *A Luta* se tornou mais irregular. Naquele ano, o Grupo Solidariedade parece ter se encarregado do periódico. O Grupo Solidariedade foi fundado em novembro de 1908 para “auxiliar a propaganda escrita das ideias libertárias”<sup>28</sup>. Seu secretário era Joaquim Hoffmeister e é possível que os demais membros deste grupo também já estivessem envolvidos com a edição de *A Luta*. O primeiro auxílio que deram ao periódico em nome do grupo foi para garantir a publicação de uma edição especial de 1º de maio<sup>29</sup>. A edição do dia 1º de junho de 1909 já anuncia que na sede do grupo, “à rua Conceição n. 22, será encontrado, diariamente, das 7 às 10 horas da noite, um nosso companheiro, com quem se poderão entender os operários para tudo que disser respeito à redação e administração da *Luta*”<sup>30</sup>. O Grupo Solidariedade ainda buscou regularizar a publicação do jornal. Na edição do dia 1º de julho de 1910, encontramos uma nota assinada pelo grupo, convidando “todos os operários que se interessam pela publicação da *Luta* para uma reunião que efetuar-se-á domingo, 3 do corrente, às 10 horas da manhã”, na Escola Eliseu Reclus, “para tratar da inadiável necessidade de regularizar a publicação” do periódico<sup>31</sup>. Apesar dos esforços, *A Luta*

---

28 “Factos e Comentários: Grupo Solidariedade”, *A Luta*, 14 de novembro de 1908, p. 3.

29 *A Luta*, 2 de abril de 1909, p. 4.

30 “Espediente”, *A Luta*, 1º de junho de 1909, p. 2.

31 “Convite”, *A Luta*, 1º de julho de 1910, p. 3.

continuou a ser editado de forma irregular, encerrando a sua publicação em fevereiro de 1911.

Para financiar o periódico, o grupo editor de *A Luta* recorreu a estratégias variadas. A principal delas era o sistema de subscrições voluntárias. “Este periódico manter-se-á com a contribuição voluntária dos trabalhadores”, nos informa uma nota já em seu primeiro número<sup>32</sup>. O sistema funcionava da seguinte forma: os responsáveis ou interessados pela publicação do periódico divulgavam a iniciativa através de listas de subscrição, nas quais as pessoas interessadas poderiam se inscrever e doar qualquer quantia. Após a coleta das contribuições, o balanço das contas era publicado no próprio periódico, indicando cada doador, sua respectiva contribuição e os gastos da edição, indicando os custos da impressão e tiragem. A adoção deste sistema foi justificada nos seguintes termos:

Ao estabelecermos a subscrição voluntária, como preço das assinaturas da *Luta*, tivemos em vista facilitar a sua leitura aos trabalhadores que dificilmente podem dispor de quantias do seu já minguado salário e dar o mesmo direito àqueles que não podem dispor de quantia absolutamente nenhuma<sup>33</sup>.

Eduardo Cunha (2018), em seu estudo sobre a edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires, observou que o financiamento de publicações por meio de subscrições voluntárias foi uma prática recorrente entre os anarquistas. De acordo com o autor, as “publicações anarquistas ganham vida não por meio de editores que investem seu capital na busca do retorno financeiro”, mas “através de operários que necessitavam se desdobrar para cobrir os custos de impressão”. O financiamento através de contribuições voluntárias era quase sempre preferível à venda por subscrição à preço fixo, pois existia uma “resistência de muitos anarquistas em dar o caráter de mercadoria aos seus impressos”. Nesse sentido, o “caráter voluntarista” da imprensa libertária representava, “ao mesmo tempo, um fator limitante e potencializador” (Cunha, 2018, p. 27-28). De fato, ao não restringir o acesso ao periódico com a cobrança de preços fixos, a informação poderia circular com mais facilidade no meio operário. Contudo, o custeio de publicações através de contribuições voluntárias também foi uma das causas da precariedade econômica enfrentada pelos periódicos anarquistas. *A Luta* sustentou esse modelo financiamento

---

32 *A Luta*, 13 de setembro de 1906, p. 1.

33 “Factos e Comentários: A Luta”, *A Luta*, 20 de junho de 1908, p. 2.

ao longo de toda a sua existência, mas a partir de setembro de 1907 começou a praticar preços fixos para assinaturas e vendas avulsas<sup>34</sup>, utilizando as contribuições voluntárias como um complemento para viabilizar a sua publicação. Outra forma de arrecadar fundos para o periódico foi a realização de veladas e quermesses<sup>35</sup>.

Em seus aspectos físicos e formais, *A Luta* seguia a tendência dos demais periódicos operários publicados no Rio Grande do Sul naquele período. Era publicado em um pequeno formato (28x37cm) de quatro páginas, composto por “uma folha única impressa nos dois lados dobrada ao meio, formando quatro lados iguais” (Jardim, 1990, p. 143). A edição especial de 1º de maio de 1907 conta com seis páginas, mas foi a única exceção encontrada e se justifica pela importância simbólica daquela data para o movimento operário<sup>36</sup>.

Figura 1 – *A Luta*, edição de 1º de maio de 1907



Fonte: *A Luta*, 1º de maio de 1907. Versão digitalizada disponível na coleção *Anarchist and Syndicalist Periodicals from Latin America*, do Internet Archive.

34 *A Luta*, 3 de setembro de 1907, p. 1.

35 “A nossa quermesse”, *A Luta*, 6 de janeiro de 1908, p. 2.

36 O Primeiro de Maio, consagrado como o Dia Internacional dos Trabalhadores, foi encarado como “um momento privilegiado de demarcação, por parte dos operários, de seu lugar na sociedade” (Bilhão, 2008, p. 209). A data era usualmente marcada por manifestações públicas nas ruas e na imprensa operária.

Todo o espaço do periódico era valorizado, de tal forma que “a diagramação levava em conta a necessidade de maior quantidade de texto possível e não motivos estéticos, esta era dada apenas pela divisão harmônica das colunas de texto” (Jardim, 1990, p. 146). Os espaços menores eram preenchidos com citações de autores libertários, anúncios de boicote, pequenos textos e avisos da redação ou divulgação de outras publicações anarquistas.

**Figura 2 – Citação de Proudhon preenchendo espaço no periódico**

Nem a herança, nem a eleição, nem o sufrágio universal, a escelencia do soberano, nem a consagração da religião e do tempo podem tornar legitima a realeza: debaixo de qualquer fôrma que se apresente, monarquia, oligarquia, democracia, etc., „o governo do homem“ é anti-natural e absurdo. — PROUDHON.

Fonte: **A Luta**, 1º de maio de 1907, p. 2. Versão digitalizada disponível na coleção *Anarchist and Syndicalist Periodicals from Latin America*, do Internet Archive.

**Figura 3 – Anúncio de boicote aos produtos da casa Matarazzo**

**BOICOTE**

Pedimos aos trabalhadores em geral de não comprarem os productos da casa Matarazzo: phósphoros, banna, e farinha, marca SOL LEVANTE. Essa casa ue S. Paulo é uma das que mais esploram os trabalhadores e onde os operários mais grosseiramente são tratados.

Fonte: “Boicote”, **A Luta**, 1º de julho de 1907, p. 1. Versão digitalizada disponível na coleção *Anarchist and Syndicalist Periodicals from Latin America*, do Internet Archive.

Figura 4 – Divulgação do panfleto "Bases do sindicalismo", editado pelo grupo editor de *A Luta*



Fonte: *A Luta*, 1º de dezembro de 1906, p. 2. Versão digitalizada disponível na coleção *Anarchist and Syndicalist Periodicals from Latin America*, do Internet Archive.

Por outro lado, também são também frequentes os anúncios de que determinada matéria teve a sua publicação preterida por “absoluta falta de espaço”. Os editores do periódico estavam cientes de que o seu espaço era escasso e deveria ser aproveitado ao máximo:

Para evitar possíveis desgostos, ficam avisados os leitores da *Luta* que absolutamente não publicaremos notícias de bailes, aniversários, nascimentos, pêsames, felicitações ou quaisquer outras com o caráter do que vulgarmente se chama "engrossamento". Assim também qualquer colaboração que tiver referências elogiosas às pessoas que laboram no nosso periódico não serão publicadas. O espaço de que dispomos é escasso para o muito que desejamos publicar de interesse para os trabalhadores em geral<sup>37</sup>.

Nesse sentido, outra característica marcante de *A Luta* é a ausência de grandes manchetes em favor de títulos menores que precedem textos extensos. As ilustrações são raras e em geral aparecem somente naqueles números publicados em datas especiais, como o Primeiro de Maio<sup>38</sup>. As ilustrações, quando presentes, eram sempre publicadas na primeira página.

37 “A Luta: Notas e avizos”, *A Luta*, 14 de novembro de 1908, p. 4.

38 Além das edições especiais de Primeiro de Maio de 1907 e 1909, encontramos ilustrações nas edições de 18 de março de 1908 (aniversário da Comuna de Paris), 16 de janeiro de 1909, 17 de outubro de 1909 (retrato de Francisco Ferrer estampando a notícia de sua execução) e 13 de outubro de 1910 (aniversário do fuzilamento de Ferrer).

Figura 5 – "O diabo moderno", ilustração publicada em *A Luta* na edição do dia 16 de janeiro de 1909



Fonte: "O diabo moderno", *A Luta*, 16 de janeiro de 1909, p. 1. Versão digitalizada disponível na coleção *Anarchist and Syndicalist Periodicals from Latin America*, do Internet Archive.

O periódico era publicado inteiramente em português, o que nos chama a atenção, considerando que naquele momento uma parcela importante da classe trabalhadora em Porto Alegre era de origem estrangeira, e era comum encontramos na imprensa operária da época jornais que publicavam textos em mais de um idioma ou mesmo títulos editados inteiramente em língua estrangeira. *A Democracia*, periódico editado pelos socialistas de Porto Alegre, frequentemente publicava textos em alemão, e em São Paulo, os anarquistas de origem italiana editavam o *La Battaglia*. Os editores de *A Luta*, no entanto, defendiam que a língua a ser utilizada

na imprensa e nas associações operárias deveria ser “a do país em que agem os trabalhadores que procuram se associar”, ou seja, o português. Argumentavam que a multiplicidade de linguagens não apenas era uma causa de “dissensões” entre os trabalhadores, como também gerava “uma enorme perda de tempo e energia”. A adoção do idioma local se dava por uma razão prática e pela compreensão de que, “geralmente o operário chegado a um país estranho muito logo, por necessidade, aprende a língua falada aí”, e embora possa apresentar alguma dificuldade para se expressar, “compreenderá o que se lhe diz e muito principalmente em se tratando dos interesses do seu ofício”<sup>39</sup>. Para facilitar a compreensão e a leitura, *A Luta* também adotou uma ortografia simplificada: “Adotamos o sistema gráfico etimológico, racionalmente simplificado de acordo com os resultados das investigações acerca da língua portuguesa”<sup>40</sup>. Nesta ortografia simplificada, cada letra representava um único fonema, eliminando duplicações, letras mudas ou registros diferentes para um mesmo som. Grosso modo, pode-se dizer que era uma ortografia que buscava uma “fonetização” da língua, facilitando assim a sua compreensão.

*A Luta* chegou a ter tiragens de até 2.000 exemplares, um número considerado expressivo para um periódico operário. Cabe destacar que *A Luta* não circulava apenas em Porto Alegre. Parte de sua tiragem era destinada ao interior do Rio Grande do Sul, para outros estados do país e para o exterior, estabelecendo relações com outros grupos e periódicos anarquistas ao redor do mundo. No sentido de estabelecer e consolidar estas relações, encontramos pedidos aos “companheiros do interior” para que enviem “informações e notícias sobre o movimento operário” em suas “respectivas localidades”<sup>41</sup>, além de um cuidado especial para que o periódico efetivamente chegasse ao exterior, como verificamos em uma nota escrita em português, esperanto, espanhol, italiano e francês, pedindo aos “camaradas do exterior”, com quem mantinham permuta, “a bondade de nos comunicar se o correio dos respectivos países põe alguma dificuldade ao trânsito dos pacotes do nosso periódico do modo por que fazemos a remessa (fechados)”<sup>42</sup>. As relações e permutas que *A Luta* estabeleceu com os seus pares no exterior serão fundamentais para respondermos aos problemas de nossa pesquisa.

---

39 “Fátos e Comentários”, *A Luta*, 13 de setembro de 1906, p. 2.

40 “Nossa ortografia”, *A Luta*, 17 de janeiro de 1907, p. 2.

41 “A Luta: Notas e avisos”, *A Luta*, 3 de fevereiro de 1907, p. 4.

42 “A Luta: Nossa permuta”, *A Luta*, 3 de fevereiro de 1907, p. 4.

Não cabe dentro dos limites deste trabalho uma análise mais aprofundada sobre a totalidade do conteúdo publicado em *A Luta*. Destacam-se, porém, o posicionamento do periódico em favor do sindicalismo revolucionário e da ação direta em detrimento da participação dos operários na política parlamentar; a presença de textos de autores clássicos do anarquismo, como Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, Enrico Malatesta, Jean Grave e Élisée Reclus, além de artigos teóricos de propaganda escritos pelos próprios editores do periódico; artigos de propaganda antimilitarista, anticapitalista e anticlerical; denúncias sobre as condições da classe trabalhadora e matérias sobre o movimento operário local e nacional e, já nos encaminhando mais diretamente ao nosso tema de pesquisa, amplas informações sobre o movimento operário internacional.

### 3 “PELO MUNDO”: A INFORMAÇÃO INTERNACIONAL EM A LUTA

O filósofo Walter Benjamin (1987, p. 202), em um ensaio de 1931 conhecido como *O narrador*, afirma que a informação surge como uma “nova forma de comunicação” que se relaciona diretamente com dois processos históricos simultâneos: o surgimento e popularização da imprensa e a “consolidação da burguesia” e do sistema capitalista. De acordo com o historiador Benedict Anderson, esta interação entre um novo modo de produção e uma nova tecnologia de comunicação deu origem a um fenômeno que ele chamou de “capitalismo editorial”. Para o autor, “o desenvolvimento da imprensa como mercadoria” permitiu que as pessoas “viessem a pensar sobre si mesmas e a se relacionar com as demais de maneiras radicalmente novas”, criando “ideias inteiramente novas sobre a simultaneidade” (Anderson, 2015, p. 70-71).

Uma das teses centrais de Anderson é a de que o desenvolvimento da noção de simultaneidade proporcionada pela imprensa foi fundamental para que os indivíduos pudessem se imaginar como membros de uma mesma comunidade nacional. Ao mesmo tempo, podemos afirmar que o desenvolvimento dos meios de comunicação modernos também foi um dos elementos constitutivos do internacionalismo operário, possibilitando a construção “de um sentimento de solidariedade e de um instrumento de transformação política e social” baseada no “potencial emancipador do acesso popular à informação” (Buonuome, 2022, p. 13, tradução nossa). Assim, ao ser informado sobre as lutas do proletariado francês ou sobre as condições de vida dos trabalhadores nos Estados Unidos, um operário em Porto Alegre poderia sentir-se parte de uma classe trabalhadora internacional, com a qual compartilhava uma série de preocupações, reivindicações e ideias. Contudo, quais informações internacionais um operário poderia encontrar ao ler *A Luta*? Sobre quais países se referiam aquelas informações? Quais eram os temas recorrentes no noticiário internacional do periódico? Quais eram as fontes usadas pelos seus editores?

Entre 1906 e 1911, 55 números de *A Luta* foram publicados, dos quais 51 ainda se encontram preservados<sup>43</sup>. No conjunto de edições disponíveis para consulta,

---

43 Os exemplares originais encontram-se preservados no Instituto Internacional de História Social de Amsterdã e fazem parte da coleção de periódicos anarquistas latino-americanos de Max Nettlau. Consultamos suas cópias digitalizadas no Internet Archive e os microfilmes disponíveis no Núcleo de Pesquisas Históricas da UFRGS.

identificamos um volume considerável de informações internacionais publicadas na forma de *notícia-acontecimento*. A noção de *notícia-acontecimento* está intimamente relacionada ao fenômeno do capitalismo editorial e a massificação da imprensa, e pressupõe uma progressiva aproximação entre o fato ou acontecimento histórico e a notícia jornalística, como observou Pierre Nora (1995). A relação entre notícia e fato ou acontecimento ocorre nos seguintes termos: a notícia “é a narração de um fato ou o reescrever de uma outra narrativa, enquanto que o acontecimento é a percepção do fato em si ou da notícia”, considerando ainda que os acontecimentos são realidades históricas “determinadas socioculturalmente, como pode ser visto nas variações históricas que foram produzidas nesses mesmos acontecimentos” (Rodrigo Alsina, 2009, p. 12-13).

Não seria absurdo afirmar que, pelo menos entre os anos finais do século XIX e o início do século XX, a *notícia-acontecimento* era o tipo de informação mais consumida ao redor do mundo, ao ponto de Walter Benjamin (1987, p. 204), em seu ensaio citado nas linhas iniciais desta seção, parecer tomá-la quase como sinônimo de informação: “A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele”.

Embora os autores mencionados detenham seus estudos e reflexões nos meios de comunicação de massa, não seria correto afirmar que a *notícia-acontecimento* é um tipo de informação que circula somente nesses meios. Um periódico operário como *A Luta* também veicula esse tipo de informação, embora não tenha a ambição de vendê-la como um produto comercial, pretensamente “neutro” e “imparcial”. Como afirma Ferreira (1988, p. 6), a mensagem da imprensa operária “não é uma mercadoria a ser consumida” e “seu conteúdo é resultado do conjunto de informações, preocupações, propostas etc. produzido pela coletividade e para ela mesma”; nesse sentido, o jornal se constitui como “um instrumento de informação, conscientização e mobilização” e a informação assume valor de propaganda, como argumentaremos mais adiante. Por ora, ao assumir que a *notícia-acontecimento* é um tipo de informação que também circula na imprensa operária, ainda que sob uma lógica distinta daquela dos meios de comunicação de massa, cumpre identificar as informações internacionais publicadas em *A Luta*, os países e temas predominantes e as fontes de informação indicadas pelo periódico.

Como podemos notar logo no primeiro editorial de *A Luta*, citado na introdução deste trabalho, desde o início de sua publicação os seus editores demonstraram uma profunda preocupação com o movimento operário internacional. Os primeiros números de *A Luta*, contudo, ainda fornecem poucas informações internacionais, já que a greve dos 21 dias e os seus desdobramentos tomaram a maior parte do espaço do periódico em suas primeiras edições. Mas já na edição do dia 1º de dezembro de 1906, ocorre a estreia da coluna “Pelo mundo”, que até o último número de *A Luta* será publicada regularmente, reunindo informações de potencial interesse para os trabalhadores em Porto Alegre sobre o que acontecia no exterior. A coluna era geralmente publicada entre as páginas 3 e 4, e o seu tamanho variava, podendo ocupar um espaço relativamente pequeno do periódico<sup>44</sup>, uma página inteira<sup>45</sup> ou, em alguns casos, até mais de uma página<sup>46</sup>. As informações publicadas na coluna “Pelo mundo”, em geral, apresentavam temas relativos ao movimento operário e anarquista no exterior.

Além da coluna “Pelo mundo”, também encontramos informações internacionais na “Fatos e Comentários”, publicada regularmente entre a primeira e a última edição de *A Luta*. A coluna, como o próprio nome já indica, apresentava fatos ou acontecimentos (embora não necessariamente ocorridos no exterior) seguidos de breves observações. Era geralmente publicada entre as páginas 2 e 3, dificilmente ultrapassando o espaço de uma página. Eis um exemplo bastante sucinto, no qual a coluna informa e comenta a proibição de uma manifestação na Argentina pelas autoridades locais:

#### Liberdades democráticas

Segundo telegrama dos jornais o “governo argentino negou licença aos liberais para celebrarem meeting em favor de Nackens e Ferrer”.

E aí tem o que é a liberdade de pensamento nas democracias.

Na Itália, em Inglaterra, na Espanha, países monárquicos, efetuaram-se meetings em favor daqueles perseguidos; aqui, na livre América, onde o *regime da liberdade* é um fato, a liberdade é uma mentira<sup>47</sup>.

---

44 “Pelo mundo”, **A Luta**, 2 de janeiro de 1907, p. 2. Notícia breve sobre a criação do Ministério do Trabalho na França.

45 “Pelo mundo”, **A Luta**, 3 de abril de 1907, p. 3. Notícias variadas da Rússia, Inglaterra, Estados Unidos e França.

46 “Pelo mundo”, **A Luta**, 15 de agosto de 1908, p. 3-4. Apresenta fartas informações sobre o movimento operário e anarquista nos Estados Unidos, Portugal, França, Itália, Holanda, Alemanha e Rússia.

47 “Fatos e Comentários: Liberdades democráticas”, **A Luta**, 3 de fevereiro de 1907, p. 2. Grifo no original.

As informações internacionais também podiam ser publicadas em matérias próprias, seja para ocupar espaços do periódico ou para destacar acontecimentos considerados mais urgentes e relevantes, como certamente foi o caso do fuzilamento de Francisco Ferrer: como podemos observar na figura abaixo, a notícia informando a sua execução ocupou quase toda a primeira página da edição do dia 17 de outubro de 1909, inclusive estampando um retrato do educador libertário<sup>48</sup>.

Figura 6 – A Luta, edição de 17 de outubro de 1909, noticiando a execução de Francisco Ferrer



Fonte: A Luta, 17 de outubro de 1909, p. 1. Versão digitalizada disponível na coleção Anarchist and Syndicalist Periodicals from Latin America, do Internet Archive

Como mencionamos anteriormente, foi possível verificar uma grande quantidade de informações internacionais publicadas nas páginas do periódico ao longo de sua existência. No conjunto das 51 edições de A Luta que puderam ser

48 “Francisco Ferrer”, A Luta, 17 de outubro de 1909, p. 1. Ainda nesta seção, desenvolveremos alguns breves comentários sobre Ferrer, que foi uma figura constantemente mencionada nas páginas de A Luta e se tornou um dos mártires do movimento anarquista internacional.

analisadas, identificamos 190 matérias publicadas que tratam diretamente de acontecimentos ocorridos no exterior. A partir do nosso levantamento, elaboramos uma lista especificando datas de publicação, título da coluna ou matéria em que a informação foi publicada, o país ao qual a informação faz referência, as fontes citadas e o tema predominante em cada matéria. A lista, que foi incluída em anexo no final deste trabalho, nos serviu de base para a elaboração das tabelas apresentadas a seguir, que facilitam a visualização dos dados que foram levantados. Iniciaremos a discussão observando quais eram os países e temas mais recorrentes no noticiário internacional de *A Luta*.

**Tabela 1 – Países mais recorrentes no noticiário internacional de A Luta**

<b>País</b>	<b>Referências</b>
França	33
Argentina	27
Espanha	16
Alemanha	13
Estados Unidos	12
Itália	11
Portugal	11
Rússia	11
Inglaterra	8
Uruguai	8
Outros	45

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2023). A soma do número de menções excede o número de matérias identificadas, pois algumas delas referenciam mais de um país.

**Tabela 2 – Temas mais recorrentes no noticiário internacional de A Luta**

<b>Tema</b>	<b>Referências</b>
Movimento operário	53
Repressão	37
Movimento anarquista	32
Política	20
Questões sociais	10
Francisco Ferrer	8
Antimilitarismo	7
Acidentes de trabalho	5
Colonialismo	4
Movimento revolucionário russo	4
Legislação social	3
Outros	7

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2023). Para a elaboração desta tabela, foram consideradas apenas as temáticas dominantes de cada matéria.

A França desponta como o país mais presente no noticiário internacional de *A Luta*, somando 33 referências. Naquele momento, a França era vista como uma referência para o movimento operário revolucionário, o que pode ajudar a explicar o grande número de informações sobre aquele país. De acordo com Wayne Thorpe (2010, p. 19, tradução nossa) a *Confédération Générale du Travail* (CGT) francesa era a grande referência do sindicalismo revolucionário na Europa, servindo de inspiração e exemplo: “Militantes estrangeiros observaram a CGT da melhor forma que puderam, seja indiretamente, através da imprensa, ou diretamente, através de contatos pessoais com os seus membros, os *cegetistas*”. *A Luta* de fato reivindicava o sindicalismo revolucionário francês como um modelo a ser seguido: “A sociedade de resistência mais perfeita e mais completa, embora não sem defeitos, é o ‘sindicato’ francês, aderente à Confederação Geral do Trabalho”<sup>49</sup>. Além disso, os anos de publicação do periódico coincidiram o período em que Georges Clemenceau exerceu o cargo de Primeiro Ministro. Ligado ao Partido Radical, Clemenceau assumiu algumas pautas defendidas pela esquerda francesa, como a separação entre Igreja e Estado e a anistia aos veteranos da Comuna de Paris exilados na Nova Caledônia. Seu ministério contou com o apoio dos socialistas, que inclusive ocuparam alguns de seus cargos. Ao mesmo tempo, Clemenceau também buscou reprimir o movimento operário mais combativo, e *A Luta* explorou as contradições de seu governo para atacar os socialistas locais. Os temas predominantes nas informações publicadas sobre a França foram o movimento operário, a política e a repressão.

A Argentina segue a França de perto, totalizando 27 referências. De maneira semelhante, o movimento operário argentino também se constituiu como uma referência, em especial aos militantes na América do Sul. A *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA) foi uma poderosa organização sindical onde o anarquismo era hegemônico, e que influenciou e estabeleceu relações com outras associações operárias sul-americanas<sup>50</sup>. A proximidade geográfica do Rio Grande do Sul com uma importante referência do movimento operário e anarquista internacional certamente despertou o interesse do grupo editor de *A Luta* e facilitou o estabelecimento de contatos e relações com os seus companheiros na região do

---

49 “Sindicalismo operário”, *A Luta*, 13 de setembro de 1906, p. 3-4.

50 Em minha dissertação de mestrado, faço uma discussão mais profunda sobre a FORA e as relações entre anarquismo e sindicalismo na Argentina. Cf. Knevez (2021).

Prata. Já em sua primeira edição, o periódico anunciava: “[...] Damos informações sobre outros periódicos e revistas do exterior, assim como de todas as associações operárias conhecidas de Uruguai e Buenos Aires”<sup>51</sup>. Se somamos às referências à Argentina aquelas feitas ao Uruguai (8), os países do Prata chegam a superar a França no noticiário internacional de *A Luta*, acumulando 35 menções. Os temas predominantes nas informações publicadas sobre os países platinos foram o movimento operário e anarquista.

A Espanha aparece como o terceiro país mais recorrente no noticiário internacional de *A Luta*, com 16 referências, sendo que metade delas são sobre Francisco Ferrer. Ferrer era um educador libertário que ficou conhecido por encabeçar a *Escuela Moderna*. Criada em 1901, a *Escuela* estava calcada em um projeto político-pedagógico racionalista, laico e antiautoritário, em contraposição ao modelo educacional conservador e cristão então vigente na Espanha. De acordo com Sílvio Gallo (2013, p. 245) as ideias progressistas de Ferrer e sua atuação como educador despertaram “a inimizade dos poderes espanhóis”, que o perseguiram. A *Escuela Moderna* funcionou apenas entre 1901-1902 e 1905-1906, quando foi fechada pelo governo espanhol após um atentado malsucedido contra o rei Afonso XIII. O autor do atentado, Mateo Morral, trabalhou como bibliotecário na *Escuela*, motivo pelo qual Ferrer foi preso e acusado de ser o seu mentor. Após passar mais de um ano na prisão, foi inocentado em 1907. Em 1909, depois de viver um período na França e na Bélgica, retornou à Espanha, pouco antes da eclosão de uma violenta revolta popular em Barcelona contra a guerra no Marrocos. Preso e acusado de ser um dos responsáveis intelectuais dos eventos ocorridos naquela que ficou conhecida como a “Semana Trágica”, Ferrer foi processado pelo Tribunal Militar e fuzilado em 13 de outubro. A prisão de Ferrer em 1906 e o seu fuzilamento em 1909 motivaram protestos ao redor do mundo e foram denunciadas nas páginas de *A Luta*, e após a sua execução, o periódico passou a retratá-lo como um mártir<sup>52</sup>. As demais informações publicadas sobre a Espanha privilegiaram o movimento operário e anarquista.

---

51 “A imprensa”, **A Luta**, 13 de setembro de 1906, p. 4.

52 Cf. “Escuela Moderna”, **A Luta**, 15 de novembro de 1906, p. 1; “Pelo mundo: Espanha”, **A Luta**, 1º de dezembro de 1906, p. 3; “Pelo mundo: Espanha”, **A Luta**, 17 de janeiro de 1907, p. 4; “Ferrer”, **A Luta**, 15 de abril de 1907, p. 1-2; “Factos e Comentários: Processo Ferrer”, **A Luta**, 16 de junho de 1907, p. 4; “Francisco Ferrer”, **A Luta**, 17 de outubro de 1909, p. 1; “Professor Francisco Ferrer”, **A Luta**, 17 de outubro de 1909, p. 1-2; “Factos e Comentários: Sobre Ferrer”, **A Luta**, 14 de dezembro de 1909, p. 3; “Francisco Ferrer”, **A Luta**, 10 de outubro de 1910, p. 1.

A Alemanha também ocupou um espaço considerável em *A Luta*, somando 13 referências. Naquele país, ao contrário dos demais citados até aqui, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário foram minoritários no campo da esquerda, que era dominado pelo poderoso Partido Social Democrata (PSD). Contudo, o periódico privilegiou justamente informações sobre o movimento anarquista e sindicalista alemão, buscando mostrar seus avanços e explorar as tensões existentes entre PSD e sindicatos. Porto Alegre contava com uma importante comunidade operária de origem germânica, para quem a socialdemocracia alemã servia como uma inspiração e exemplo, e um dos interesses de *A Luta* ao publicar informações sobre o movimento operário alemão pode ter sido justamente uma tentativa de desmistificar a socialdemocracia e combater os socialistas locais, como podemos notar a partir deste exemplo:

Comunicam de Berlim que os operários metalúrgicos em número superior a 20.000 desligaram-se do partido socialista desiludidos completamente da ação política. Depois de um período de parlamentarice e de chefismo uma falange bem respeitável, pelo número, atira com as cangalhas que por tantos anos pesavam sobre os seus cangotes e resolvem lutar como homens. É que os bonzos, sejam eles chefes de partidos socialistas ou de partidos operários simplesmente, não satisfazem mais as aspirações que os operários inteligentes aspiram e que o momento histórico exige. Este exemplo dos metalúrgicos alemães é bem frisante e talvez cale no ânimo e no cérebro de alguns dos nossos companheiros de infortúnio, despertando os que aqui se tem mantidos indiferentes e abrindo os olhos dos basbaques que fizeram de ídolo o primeiro parlapatão que lhes apareceu com ares de sábio e que muito mal sabe encobrir com seus ademanos efeminados as ambições desmedidas que alimenta<sup>53</sup>.

Já os Estados Unidos, com 12 referências, apareceram como um exemplo bastante ilustrativo das contradições do sistema capitalista. As questões sociais se destacam entre as informações publicadas sobre aquele país, que denunciam a desigualdade econômica, o desemprego e as condições de vida da classe trabalhadora norte-americana. Ao mesmo tempo, o país também foi um exemplo de como as contradições sociais poderiam propiciar o surgimento de novas ideias:

É impossível que o regime atual se mantenha por mais tempo. Qual é a situação? Em aparência, grande prosperidade, e ao mesmo tempo um imenso descontentamento. [...] A diferença entre o que produz e o que ganha é embolsada pelos reis do petróleo e dos caminhos de ferro, barões da hulha e príncipes da finança. Por falta de meios, não podendo o operário consumir tudo que produz, as reservas acumulam-se, e em breve fechar-se-ão as

---

53 “Pelo mundo: Alemanha”, *A Luta*, 8 de março de 1908, p. 4.

oficinas e o exército dos sem-trabalho formará mais formidável que nunca; o descontentamento é tal, que os capitães da indústria julgaram prudente atirar um osso aos escravos sob forma de aumento de salário. Desde o 1º de dezembro, os jornais registram todos dias que as companhias, as grandes corporações aumentam ordenados. Mas tudo isto é impotente para conjurar a crise.

As ideias radicais penetram todas as camadas da sociedade. [...] Outrora as revistas publicavam só romances ou relações de viagens. Hoje tudo mudou. Os romances são plenos de ideias subversivas, mas o que domina numa revista que quer viver e prosperar são os estudos ou polêmicas sociais<sup>54</sup>.

Seguindo o nosso balanço dos países mais presentes no noticiário internacional de *A Luta*, encontramos Itália, Portugal e Rússia somando 11 referências cada. Da Itália, predominam informações sobre o movimento anarquista e operário. Nos chamou a atenção a publicação de uma “notícia falsa” informando a morte de Pietro Gori, publicada em 3 de fevereiro de 1907<sup>55</sup>. Gori era um destacado militante anarquista italiano que atuou também nos Estados Unidos e na Argentina, igualmente conhecido por seus estudos na área criminal. *A Luta* lamentou o falecimento do “querido companheiro de luta” apenas para desmenti-lo em sua próxima edição: quem havia falecido era na verdade o seu pai, Francisco Gori<sup>56</sup>. Anos depois, porém, o periódico acabaria por noticiar a verdadeira morte de Pietro Gori, em sua edição do dia 18 de fevereiro de 1911<sup>57</sup>.

A publicação de *A Luta* coincidiu com os anos finais da monarquia portuguesa e os primeiros anos do novo regime republicano. Assim, o periódico nos oferece uma série de informações sobre o movimento anarquista, operário e antimonarquista em Portugal. Destacam-se duas matérias enviadas por correspondentes, a primeira relatando a repressão que se seguiu ao regicídio de D. Carlos I e a situação do movimento republicano<sup>58</sup>, e a segunda, discorrendo sobre o movimento anarquista português<sup>59</sup>.

---

54 “Pelo mundo: América”, **A Luta**, 3 de abril de 1907, p. 3.

55 “Pedro Gori”, **A Luta**, 3 de fevereiro de 1907, p. 1.

56 “Pedro Gori”, **A Luta**, 22 de fevereiro de 1907, p. 3.

57 “A morte de Pedro Gori”, **A Luta**, 18 de fevereiro de 1911, p. 1. O texto é assinado por Manuel Moscoso, militante anarquista que atuou no Brasil durante a primeira década do século XX. Foi o principal responsável pela publicação de *A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira (COB), entre 1908 e 1909. Viveu por um curto período de tempo em Porto Alegre, antes de partir para Buenos Aires, onde foi um dos articuladores da retomada de *La Protesta* após a repressão que se seguiu aos eventos do Centenário Argentino. Em solo gaúcho, colaborou ativamente com *A Luta*. Suicidou-se em 1912.

58 “Correspondência”, **A Luta**, 8 de março de 1908, p. 3.

59 “Pelo mundo: Portugal”, **A Luta**, 16 de janeiro de 1909, p. 4.

Sobre a Rússia, as informações se dividem basicamente entre dois temas: o movimento revolucionário iniciado em 1905 e a repressão promovida pelo czarismo. A Revolução Russa de 1905 despertou a simpatia da imprensa anarquista e socialista ao redor do mundo, e *A Luta* não foi exceção. Em suas páginas encontramos textos exaltando as aspirações do movimento revolucionário<sup>60</sup> ou destacando atos de heroísmo militante<sup>61</sup>. Por outro lado, a força repressiva do regime czarista não era subestimada. Ainda em 1908, as autoridades russas perseguiram os militantes revolucionários e as cadeias se enchiam de prisioneiros políticos que eram submetidos a condições severas: “Por uma palavra, um gesto apenas, mata-se um preso com a maior facilidade. Todos esses crimes tem o pleno assentimento das autoridades militares e civis, bem como o beneplácito do czar”<sup>62</sup>. Contudo, mantinham-se otimistas com os rumos do movimento revolucionário na Rússia imperial: “O poder czarista, com o tempo, gastar-se-á tentando combater a vontade dos trabalhadores de organizar-se como classe distinta de todos os possuidores e de orientar seus esforços para a Revolução”<sup>63</sup>.

Encerrando o nosso balanço dos países mais presentes nas páginas do periódico, a Inglaterra aparece com 8 referências, apresentando uma boa variedade de temáticas, apesar das informações sobre o movimento operário serem ligeiramente privilegiadas. O movimento operário, de modo geral, foi o tema mais recorrente nas informações internacionais publicadas no periódico, o que não causa grandes surpresas. Das 190 matérias levantadas, 53 tratam do movimento operário internacional (27,9%), 37 denunciam a repressão aos movimentos operários, anarquistas ou revolucionários (19,5%), 32 abordam o movimento anarquista no exterior (16,9%) e 20 informam sobre temas da política partidária (incluindo a socialista) e institucional (10,5%). Os demais temas somam 48 referências (25,2%).

Nossa análise até aqui também já nos deixa entrever um certo predomínio dos países europeus no noticiário internacional de *A Luta*, o que de fato se confirma em uma análise do conjunto de informações internacionais publicadas no periódico. Das 190 matérias levantadas, 129 trazem informações sobre a Europa (67,9%), 53 tratam das Américas (27,9%), a Ásia aparece somente 4 vezes (2,1%), enquanto África e

---

60 “Na santa Rússia”, **A Luta**, 3 de abril de 1907, p. 2.

61 “Um herói”, **A Luta**, 3 de fevereiro de 1907, p. 2.

62 “Pelo mundo: Rússia”, **A Luta**, 15 de agosto de 1908, p. 4.

63 “Pelo mundo: Rússia”, **A Luta**, 20 de junho de 1908, p. 4.

Oceania somam apenas duas referências cada (1,05% cada). Contudo, seria equivocado atribuir aos editores de *A Luta* algum grau de eurocentrismo. As informações publicadas sobre a África e a Ásia, apesar de escassas, demonstram um tom crítico ao colonialismo, como podemos observar neste comentário sobre as revoltas anticoloniais na China:

Em Pequim, as missões inglesa e alemã foram assaltadas e destruídas. Muitos estrangeiros foram assassinados e os rebeldes incendeiam os edifícios que lhes caem nas mãos, e cometem matanças horrorosas. Na recente invasão da China, feita pelos aliados russo-alemã-franco-anglo-italo-norte-americanos, cujos exércitos pertencem, como se sabe, às nações *sumamente civilizadas*, os soldados, sob o mando dos respectivos chefes — guerreiros profissionais de fama — saquearam e incendiaram bibliotecas e templos religiosos de 4000 anos de existência; massacraram crianças e mulheres grávidas; estupraram moças e menores; roubaram ou destruíram vandálicamente joias e objetos artísticos de imenso valor; cometeram enfim todos os horrores de que são capazes os exércitos sob pretexto de *civilizar* e *corrigir* a barbaridade de um povo pacífico que desde séculos e séculos não tinha agredido a ninguém e só queria viver a seu gosto. E agora se queixam de que os chins [sic], fazendo tesouro das lições recebidas dos *civilizados* empregam os meios que outros empregaram. Mas então, o que foram fazer os aliados na China? Não foram para *civilizar* e não se serviram, por acaso de todos os meios *especiais* ao alcance de todo *civilizador*? Se devem mostrar satisfeitas as nações do progresso dos discípulos, tão conscienciosos das lições dos *mestres* que já estão lhes tomando a dianteira! Aguentem pois. Quem semeia ventos colhe tempestades...<sup>64</sup>

Também não podemos ignorar o fato de que o movimento operário europeu já se encontrava muito bem desenvolvido no início do século XX, com uma classe trabalhadora bem organizada em partidos e sindicatos desde a segunda metade do século XIX, pelo menos. Assim, era natural que a experiência das lutas operárias na Europa despertasse o interesse dos trabalhadores em outras partes do mundo, buscando referências no “velho continente”.

Além disso, também devemos considerar que um jornal operário como *A Luta* não utilizava os serviços de uma agência de notícias e nem tinha condições de sustentar repórteres no exterior, apesar de eventualmente poder contar com a colaboração de algum correspondente. Boa parte das informações internacionais que eram publicadas provavelmente tinham a sua origem em periódicos que permutavam com *A Luta* ou mesmo em veículos da grande imprensa.

---

64 “Factos e Comentários: Bons discípulos”, *A Luta*, 16 de junho de 1907, p. 4. Grifos no original.

**Tabela 3 – Fontes de informação mais citadas em *A Luta***

Fonte da informação	Referências
Não indica fonte	95
Telegramas	23
Imprensa burguesa	15
<i>Les Temps Nouveaux</i>	11
<i>Socia Revuo</i>	11
Correspondente	7
<i>La Voix du Peuple</i>	6
<i>La Protesta</i>	4
Circulares	2
Outros jornais anarquistas e operários	22

Fonte: Tabela elaborada pelo autor (2023). A soma do número de menções excede o número de matérias identificadas, pois algumas delas citam mais de uma fonte.

Como é possível perceber na tabela acima, o periódico não costumava indicar diretamente as fontes das quais colhia as informações internacionais que eram publicadas. As referências costumam ser bastante vagas: “lemos num nosso camarada”, “lemos num jornal burguês”, “os jornais”, “diz um telegrama”, “os telegramas tem dado notícias”, “comunicam de...”, “segundo comunicações”, etc. Contudo, *A Luta* mantinha permuta com um volume considerável de periódicos do Brasil e do exterior. A coluna “Biblioteca da *A Luta*” relaciona alguns títulos disponíveis em seu gabinete de leitura: *A Terra Livre* e *O Marmorista* do Rio de Janeiro; *Lucta Proletária*, *La Battaglia* e *O Baluarte* de São Paulo; *A Aurora Social* de Santos; *Novos Horizontes*, *A Vida* e *Germinal*, de Portugal; *Tribuna Libertaria*, *La Emancipación* e *En Marcha*, do Uruguai; *La Protesta*, *El Obrero Gráfico*, *Pensamiento Nuevo*, *Germen*, *El Sindicato*, *La Acción Socialista*, *L'Agitatore* e *La Aurora del Marino* da Argentina; *El Hambriento*, *El Oprimido* e *Los Párias* do Peru; *Tierra y Libertad*, *Salud y Fuerza*, *El Porvenir del Obrero* e *Boletín de la Escuela Moderna* da Espanha; *Les Temps Nouveaux*, *L'Anarchiste*, *Régénération*, *La Voix do Peuple*, *Le Libertaire* e *Socia Revuo* da França; *Il Pensiero*, *La Vita Operaia* e *La Pace*, da Itália; *Revolutionär* e *Direkt Aktion* da Alemanha; *Freedom*, da Inglaterra; *Volné Listy*, dos Estados Unidos<sup>65</sup>.

Embora nem sempre citados diretamente, é muito provável que o grosso das informações internacionais publicadas em *A Luta* tivesse origem nos periódicos anarquistas e operários com quem estabeleciam alguma relação. No entanto, existem

<sup>65</sup> “Biblioteca de *A Luta*”, *A Luta*, 8 de março de 1908, p. 4.

elementos que nos permitem supor que, pelo menos durante o período em que Stefan Michalski esteve encarregado da redação e correspondência do periódico, boa parte das informações internacionais publicadas tenham sido retiradas da revista esperantista francesa *Socia Revuo*, da qual Michalski era um colaborador. De fato, a coluna “Pelo mundo” da edição do dia 15 de abril de 1907 cita a *Socia Revuo* e o *Les Temps Nouveaux* como fonte das informações ali publicadas<sup>66</sup>. *Socia Revuo* e *Les Temps Nouveaux* são, aliás, os periódicos operários citados como fonte de informações por *A Luta*, seguidos por *La Voix du Peuple*, órgão da CGT francesa, e *La Protesta*, diário anarquista da Argentina.

Na imprensa operária existia uma certa desconfiança em relação aos veículos considerados burgueses. Assim, quando a fonte de alguma informação era a imprensa burguesa, o periódico tratava de já esclarecer a sua origem, embora nem sempre mencionado o nome do jornal em que ela foi originalmente publicada. Por exemplo, logo após a realização do Congresso Anarquista Internacional de 1907 em Amsterdã, *A Luta* informava que “ainda não nos chegaram notícias diretas, por isso limitamo-nos aqui a fazer um ligeiro apanhado do que a respeito tem publicado jornais burgueses”. O periódico costumava comentar algumas notícias publicadas na imprensa burguesa e, em alguns casos, até mesmo desmentir certas informações. Encontramos uma notícia em *A Federação*, órgão oficial do Partido Republicano Riograndense (PRR), onde se afirma que o “povo empastelou o jornal anarquista *La Protesta*”<sup>67</sup> após o atentado de Simón Radowitzky contra o chefe de polícia de Buenos Aires, Ramón Falcón<sup>68</sup>. Embora sem citar diretamente *A Federação*, *A Luta* contestou a informação:

Os jornais falam em empastelamento feito pelo povo o que é uma mentira, podemos afirmar. *A Protesta* era um jornal genuinamente popular, não havia em Buenos Aires trabalhador que não a lesse e tinha no interior da Argentina, em Uruguai e no Chile, uma vasta circulação. Como prova de que era um jornal que não podia ser empastelado pelo povo porque era do próprio povo, está o fato de ter sido a sua máquina, que custou

---

66 “Pelo mundo”, **A Luta**, 15 de março de 1908, p. 3-4.

67 “Serviço telegraphico d'A Federação”, **A Federação**, 16 de novembro de 1909, p. 4.

68 O atentado guarda relação com os eventos da chamada *Semana Roja*. Na ocasião, a FORA convocou uma manifestação para o Primeiro de Maio, que acabou foi duramente reprimida pelas autoridades, gerando um saldo de mais dez mortes e quase uma centena de feridos. Falcón teria ordenado diretamente a repressão. A comoção em torno daqueles eventos motivou uma greve geral que durou até o dia 9 de maio. Os acontecimentos foram narrados em detalhe em *A Luta*, cf. “O 1º de Maio na Arjentina”, **A Luta**, 1º de junho de 1909, p. 3-4. Para uma discussão mais profunda sobre a *Semana Roja* e Radowitzky, cf. Frydenberg; Ruffo (2012), Bayer (2020, p. 106- 117) e Knevitz (2021, p. 109-122).

8.000 pesos, comprada por subscrição popular. [...] Não, não foi o povo que empastelou a *Protesta*, foram os criados da burguesia, otimamente arregimentados pelo célebre coronel Falcón, que tantos crimes cometeu contra os operários na sua ferocidade de defensor dos privilégios e injustiças da sociedade atual<sup>69</sup>.

*A Luta* também chegou a contar com a colaboração de correspondentes na Argentina, Uruguai e Portugal, o que foi facilitado pela proximidade geográfica, no caso dos países platinos, e pelo idioma, no caso das relações estabelecidas com os portugueses. No primeiro caso, é importante ressaltar que, para além da simples troca de informações, os anarquistas no Rio Grande do Sul estabeleceram intensas relações com os seus companheiros na Argentina e no Uruguai. Isabel Bilhão (2008, p. 176) afirma que Porto Alegre exercia um “papel estratégico” aos militantes que vinham da região do Prata e buscavam se estabelecer no Brasil, assim como para aqueles que saíam do Rio de Janeiro e São Paulo em direção ao Prata. Já os contatos com Portugal foram facilitados pela língua e pela própria presença de militantes portugueses no Brasil, como Neno Vasco, que embora não tenha se estabelecido em Porto Alegre, contribuiu com a imprensa anarquista de São Paulo e Rio de Janeiro e estabeleceu contatos com *A Luta* antes de retornar à Portugal em 1910, de onde continuou colaborando com a imprensa operária brasileira como correspondente.

As relações estabelecidas pelos militantes anarquistas em Porto Alegre com os seus companheiros ao redor do mundo certamente ajudam a compreender a dinâmica da circulação de informações internacionais no movimento operário local, mas fogem dos limites deste trabalho. Dentro de nossa proposta, cabe agora discorrer sobre os usos e significados da informação internacional em *A Luta*.

---

69 “La Protesta”, *A Luta*, 14 de dezembro de 1909, p. 1.

#### 4 USOS E SIGNIFICADOS DA INFORMAÇÃO INTERNACIONAL EM A LUTA

De acordo com Jorge Luiz Jardim (1990, p. 199), um jornal costuma apresentar três tipos de informação ao seu público leitor: notícias (narrações ou relatos sobre um fato ou acontecimento, conforme discutimos anteriormente), propaganda (informações destinadas a divulgar uma determinada ideia ou produto) e entretenimento (crônicas, charges, contos, chistes, etc.). A imprensa operária, porém, se caracteriza “pela ênfase na propaganda de ideias e quase tudo o que era impresso num jornal operário tinha esta finalidade”:

Os textos publicados na imprensa operária visavam estimular o espírito de luta e a resistência dos trabalhadores nos seus locais de trabalho e nas suas associações, objetivavam também desmascarar a exploração dos capitalistas sobre os trabalhadores e desmistificar as instituições colaboradoras do sistema capitalista como Estado, Igreja, Exército, Parlamento, etc. [...] Publicavam-se trechos e artigos de teóricos do movimento operário, resoluções de congressos sindicalistas, conferências e textos de orientação tática para a luta dos trabalhadores e notícias do movimento operário local, nacional e internacional (Jardim, 1990, p. 200).

Dessa forma, podemos afirmar que a informação assumia um valor de propaganda: “Notícia e opinião não eram elementos dissociados. Assim, a notícia só tinha razão de ser na medida em que servia para difundir e exemplificar uma ideia política de formação de determinado ponto de vista” (Jardim, 1990, p. 203). Nesta seção, iremos discorrer sobre como a informação internacional foi utilizada e significada nesse sentido.

Como viemos afirmando até aqui, *A Luta* demonstrou desde o primeiro momento um interesse pela situação e pelas lutas da classe trabalhadora no exterior. Não se tratava de um interesse gratuito, pois existia uma preocupação em apresentar-se como parte de um movimento operário internacional associado ao sindicalismo revolucionário. Já em seu primeiro número, *A Luta* transcreveu um texto publicado originalmente no periódico anarquista *A Terra Livre*, de São Paulo, com o objetivo de “melhor elucidar os trabalhadores que neste momento procuram se organizar para a luta”. O texto inicia com uma defesa da organização operária e define o que são as “sociedades de resistência”, “associações operárias destinadas à defesa dos interesses dos trabalhadores contra a exploração capitalista”. Cabe destacar que, à época, os termos “sindicato” e “sindicalismo” ainda não eram de uso generalizado na língua portuguesa. Como o próprio texto afirma, as “sociedades de resistência”

recebiam “diversos nomes segundo os países: *sindicatos, ligas de resistência, uniões de ofício, associações de classe, trade unions, etc.*”. As diferentes designações eram empregadas “por vezes em sentidos um tanto distintos, em virtude da diferença de métodos e de tendências das diversas organizações”. O que nos interessa aqui são justamente os distintos exemplos de organização operária que são apresentados no texto, que servem para rechaçar ou afirmar a defesa de certos modelos organizativos que estavam em disputa no movimento operário local e justificam a longa citação a seguir:

Especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, a sociedade operária é um grupo fechado, de difícil entrada. A organização operária é uma espécie de aristocracia do trabalho. As corporações de ofício agem isoladamente e a sua ação reduz-se a melhoramentos em favor dos associados, sem mesmo tender à abolição do privilégio capitalista, sendo estritamente legal, apesar de ser a lei feita e aplicada pelos burgueses e em seu próprio favor. A “trade union” [...] faz política parlamentar, apoiando o candidato que mais promessas lhe fizeram seja qual for o seu partido! Este “trade unionismo” vai morrendo por culpa dos seus erros e defeitos. Nos Estados Unidos já há mesmo uma forte organização (Federação dos Trabalhadores do Mundo) [trata-se de uma referência aos *Industrial Workers of the World*] agindo sobre o terreno da luta de classe e repudiando o parlamentarismo.

A sociedade operária alemã não é, a bem dizer, de resistência. A resistência ali é disfarçada, encoberta, sufocada pelo mutualismo e pela legalidade. As derrotas têm sido majestosas e as conquistas nulas. As organizações alemãs agrupam muita gente, reúnem enormes somas, mas... São inertes, têm medo de empregar a sua força, como aquele que comprou um guarda-chuva e o meteu debaixo do capote com pena de o molhar. [...] A sua política é a política parlamentar socialista. [...] A sociedade de resistência mais perfeita e mais completa, embora não sem defeitos, é o “sindicato” francês, aderente à Confederação Geral do Trabalho. É puramente de resistência, facilitando a entrada a todos, procurando agrupar o maior número, mas sem por isso deixar de agir constantemente. Trata de conquistar melhoramentos (sobretudo redução de horas) fazendo assim exercício para a greve geral revolucionária e para a expropriação dos meios de produção e de transporte. *Não aceita a política parlamentar*, fazendo, porém, luta política (contra o Estado, contra o governo, desde o ministro ao polícia, mas especialmente contra o militarismo), pois o poder político é defensor do capitalismo. Mas essa luta [...] é pela “ação direta”, operária, e não indireta por meio dos deputados no parlamento.

Este método – que por influência da França vai sendo chamado “sindicalismo” –, é seguido já pela Suíça francesa, pela Holanda e em parte pela Espanha [...] e repúblicas sul-americanas, ganha terreno na Itália e nos Estados Unidos e começa a penetrar na Inglaterra e na própria Alemanha<sup>70</sup>.

Curioso notar o contraste estabelecido entre as associações operárias alemãs (socialdemocratas) e o sindicalismo francês (revolucionário). Cabe ressaltar que a socialdemocracia alemã foi a grande referência do movimento operário gaúcho entre

---

70 “Sindicalismo operário”, **A Luta**, 13 de setembro de 1906, p. 3-4. Grifos no original.

o final do século XIX e o início do século XX, e os anarquistas buscaram combater esta influência através de uma propaganda incisiva do sindicalismo revolucionário. A Alemanha, como vimos anteriormente, foi um dos países sobre o qual *A Luta* mais publicou informações, muitas vezes destacando os avanços do movimento anarquista e sindicalista e um suposto declínio da socialdemocracia: “É um modelo que vai perdendo o crédito; até na Alemanha começou a reação”<sup>71</sup>. Como observou Jardim (1990, p. 209), o periódico “utilizou amplamente o noticiário internacional para combater localmente os socialistas”, o que frequentemente ocorria através de contraposições entre o sindicalismo “politiqueiro” e “reformista” e o sindicalismo revolucionário e anarquista.

Um exemplo bastante eloquente nesse sentido está em uma notícia sobre a greve geral de 1907 na Argentina. O movimento foi motivado por uma lei aprovada pela municipalidade de Rosario que impunha aos cocheiros da cidade uma carteira de trabalho que serviria como uma espécie de registro de boas ou más condutas, além de identificar os trabalhadores com retratos e impressões digitais. A greve encontrou eco em Buenos Aires e outras cidades da Argentina, mas não foi apoiada pelos socialistas. Assim, *A Luta* contrapôs os militantes “altivos e inteligentes, de ação e dignidade” aos “porcos politiqueiros que se chamam socialistas”, buscando deslocar o embate para o meio local:

Vendo eles [os socialistas] nesta greve o desenvolvimento que ia tendo o sindicalismo e as ideias libertárias, puseram-se a desvirtuá-la com argumentos tão pobres que até à polícia e os próprios burgueses teriam vergonha de os usar.

Indiscutivelmente os socialistas (com raras exceções!) são mais do que entraves do movimento operário! — são traidores ou mais ainda — ignóbeis jesuítas.

Basta lançarmos um golpe de vista sobre todas as greves havidas para de um lado vermos a obra dos libertários esclarecendo a massa e fundamentando a sua teoria com os seus atos; do outro, os socialistas tramando abjetamente e em descaradas autopropagandas, fazendo salientar os indefiníveis melhoramentos que lhes poderiam trazer se os elegessem para o alto cargo de Pai da Pátria.

Sirva de exemplo a nossa greve onde pessoas tacanhas e mal-intencionadas, como o conhecidíssimo mistificador socialista Xavier da Costa e outros, se arvoraram em chefes, conturbando em vez de esclarecer a consciência do operariado.

Conturbando, sim, porque a eles não lhes convém homens enérgicos, de ideias livres e sim homens carneiros, de ideias obtusas, que com um pouco de jeito e verbo são capazes de levá-los nos ombros, como a um ídolo, para preencherem as vagas abertas na parlamentaríssima Santa Sé dos escamoteadores.

---

71 *Idem*.

Mas entre o altivo e independente proletariado platino nada conseguiram fazer os ambiciosos papalvos — os mesquinhos socialistas: o seu prestígio, desta vez, desceu, como se costuma dizer, três dedos abaixo do ânus do cachorro<sup>72</sup>.

Como fica evidente, os anarquistas se mostraram extremamente críticos aos anseios dos socialistas pela conquista do poder político, e usaram exemplos do exterior para questionar e denunciar a postura dos socialistas ao alcançar posições no governo ou no parlamento. Como mencionamos anteriormente, um dos exemplos mais utilizados nesse sentido foi o governo de Clemenceau, “o ardoroso propagandista das ideias emancipadoras, o ativo agitador de outras eras” que, ao assumir a liderança do gabinete francês, passou a demonstrar como seria, na visão dos anarquistas, “o futuro governo que nos reservam os socialistas de Estado”:

O sr. G. Clemenceau não recua diante de arbitrariedade alguma: expulsões, espionagens, prisões, estado de sítio, toda espécie de repressão e perseguição consente ele e ordena contra os operários grevistas.

Como se sabe, foi decretado o repouso hebdomadário em França; mas, como todas as leis que ferem interesses da burguesia, não entrou em execução. O operariado projetou para 20 de janeiro uma grande demonstração exigindo a aplicação da lei. Era como, se vê, uma demonstração legal; pois o sr. Clemenceau declarou que não permitiria a manifestação do proletariado. Paris foi transformada numa praça de guerra; as prisões encheram-se de desordeiros que queriam que os estabelecimentos comerciais respeitasse a lei decretada com a influência socialista. Clemenceau manteve-se em toda a linha contra a lei e contra os operários, mas a favor dos patrões.

A Bolsa do Trabalho foi fechada, afim de evitar reuniões de desordeiros. Em 1893, quando o ministro Dupuy, fechou a Bolsa do Trabalho, os socialistas clamaram energicamente contra o governo tirânico que assim menosprezava o direito dos trabalhadores, e demonstraram, com uma lógica irresistível, que para evitar tais arbitrariedades necessário se tornava que os operários votassem, que os deputados fossem socialistas, os ministros socialistas, o presidente socialista, o governo socialista, todo mundo enfim socialista. Que dirão agora os eleitores e os que fazem propaganda do parlamentarismo?

Que como amostra, a que nos dá o socialista Clemenceau não é má... Sem dúvida...<sup>73</sup>

O uso de exemplos do exterior também serviu a um combate mais programático contra a socialdemocracia. Os partidos socialistas e operários da época geralmente propunham em seu programa uma série de reformas que, ao serem aplicadas, possibilitariam uma transição gradual ao socialismo. Algumas reivindicações quase sempre presentes eram a redução legal da jornada de trabalho

---

72 “Pelo mundo: Argentina”, **A Luta**, 22 de fevereiro de 1907, p. 4.

73 “Factos e Comentários: Acção socialista”, **A Luta**, 15 de março de 1907, p. 3.

para 8 horas diárias, adoção da arbitragem como uma forma de mediar os conflitos entre capital e trabalho e o estabelecimento de um sistema público de previdência social. Os anarquistas, em geral, rechaçavam essas reformas, não por considerá-las necessariamente ruins ou prejudiciais aos trabalhadores, mas por acreditarem que elas eram “inúteis” ou “inaplicáveis”, como fica latente na citação acima, quando menciona a aprovação de uma lei implementando o descanso semanal na França e que não foi aplicada de forma efetiva. Os anarquistas consideravam que todas as reformas legais teriam o mesmo destino, pois “os burgueses possuem uma infinidade de meios para se eximirem ao cumprimento de leis que lhes prejudiquem interesses materiais”. Mais uma vez, o exemplo francês vinha à tona, quando comentaram em um tom bastante crítico a aprovação de uma lei de proteção às mães operárias. A lei em questão instituíra uma espécie de licença maternidade, obrigando os patrões a dispensar as suas operárias dois meses antes e dois meses após o nascimento da criança, ao mesmo tempo em que proibia demissões. Contudo, a lei somava-se a outras que eram invariavelmente desrespeitadas pelos patrões:

Com a lei sobre acidentes de trabalho, segundo a qual o patrão teria de pagar o tratamento aos operários vítimas de desastres no trabalho, bem como pagar-lhes uma indenização em caso de ficarem os mesmos impossibilitados de sua profissão, os patrões sempre encontraram meios de se livrarem desses compromissos, já atribuindo os incidentes à embriaguez ou imprevidência do operário, já protelando por longo tempo a solução do caso até que o pobre operário, impelido por necessidades, vá procurar ganhar alguns vinténs em qualquer coisa, como carregador, vendedor de jornais, lavador de pratos, etc., ficando assim o patrão desobrigado, com a prova de que o operário não ficou impossibilitado de trabalhar, muito embora vá ele daí em diante arrastar uma vida de misérias e privações.

A lei de regularização da aprendizagem, que prescrevia aos patrões não aceitarem menores de 15 anos nas oficinas, proporcionou-lhes um meio de melhor explorar as necessidades do operariado. É o caso que, em vez das crianças trabalharem nas oficinas, lhes era dado trabalho a domicílio, e, aí, o trabalho por peça sendo menos pago, obrigava-as, não só a trabalharem mais como a socorrerem-se do auxílio de seus irmãos de tenra idade, trabalhando muitas vezes crianças até de 4 anos! O burguês assim teve uma produção maior e por menos preço e, por outro lado, aumentaram as causas de degenerescência da infância operária.

Tem sido esta em geral a sorte das famosas leis de reformas sociais apregoadas pelos socialistas-parlamentaristas e tão do agrado da burguesia, que nelas veem, não só motivo para contemporizar reclamações operárias como também novas fontes de lucros à sombra da legalidade<sup>74</sup>.

Outro exemplo nesse sentido é a forma com que noticiaram as reformas sociais

---

74 “As concessões burguezas: Lei de proteção às mães operárias”, **A Luta**, 14 de dezembro de 1909, p. 2.

promovidas pelo presidente uruguaio Batlle y Ordoñez. Um homem de Estado reconhecidamente progressista, o seu governo foi um dos primeiros nas Américas a regulamentar a jornada de oito horas e o descanso semanal. *A Luta* chegou a reconhecer a “boa vontade” de Battle y Ordoñez, mas alertava: “[...] de boas leis estão recheados os códigos, inúteis e prejudiciais ao operário que, por sua força não souber conquistar o benefício que a letra morta lhe não garante...”<sup>75</sup>. Ou seja, a classe trabalhadora deveria conquistar suas reivindicações não através das reformas legais, mas da ação direta<sup>76</sup>, e os exemplos a serem seguidos pelo movimento operário em Porto Alegre iriam nessa direção.

O movimento operário internacional, como vimos, foi um tema privilegiado no periódico *A Luta* e, em certo sentido, as informações sobre as lutas da classe trabalhadora no exterior procuravam servir como exemplos de como o operariado local deveria agir e se organizar, e informações sobre greves, congressos e manifestações são recorrentes. A França e a Argentina, especialmente, aparecem como as duas principais referências a serem seguidas. Sobre a França, destacamos um extenso relato de Carlos Malato, militante anarquista italiano, extraído do *Despertar Hispano*, exaltando a “organização de um proletariado organizado que se distanciando dos políticos profissionais, age sob a impulsão da Confederação do Trabalho, dando batalhas ao capital e ao patronado” e destacando atuação dos anarquistas no interior da CGT:

Penetrando nos sindicatos, os revolucionários levaram ali as suas ideias e agora a imensa maioria dessas agrupações, que constituem a potente Confederação Geral do Trabalho, eliminando toda e qualquer direção dos políticos radicais ou socialistas, envolvem decididamente em sentido libertário com a ação direta, o antimilitarismo e o antipatriotismo. Infrutíferos foram os esforços empregados pelos chefes do partido socialista unificado para se apoderar da direção desse exército do trabalho [...] que constituía indubitavelmente uma força eleitoral e política considerável; a Confederação Geral do Trabalho decidiu não se envolver nas lutas eleitorais, evitando assim as inevitáveis explorações e prováveis discórdias no seio do proletariado, que tanto haviam prejudicado sua ação em seu início, e adotou como norma de que não devia afastar-se [d]a aconselhada pela Internacional dos Trabalhadores — a emancipação dos proletários será obra dos proletários mesmos<sup>77</sup>.

---

75 “Pelo mundo: Uruguai”, **A Luta**, 22 de fevereiro de 1907, p. 4.

76 Nesse sentido, Felipe Corrêa (2015, p. 221-220) afirma que, para os anarquistas, as lutas reivindicativas servem como um exercício de “ginástica revolucionária”, ou seja, a conquista de eventuais reformas e melhoramentos, desde que pela via da ação direta, pode contribuir aos objetivos anarquistas de longo prazo.

77 “Correspondência de Paris”, **A Luta**, 17 de janeiro de 1907, p. 2.

O movimento operário francês era visto como um modelo de independência e combatividade a ser seguido pelo operariado de Porto Alegre. Assim, as lutas encampadas pela CGT foram acompanhadas com bastante atenção e interesse. Além disso, o grupo editor de *A Luta* também reuniu esforços para publicar, inicialmente nas páginas do periódico e mais tarde em folheto, o texto *As bases do sindicalismo*, de Émile Pouget, militante anarquista que foi uma das principais lideranças da CGT.

Da mesma forma, o movimento sindical argentino recebeu uma atenção privilegiada, facilitada pelos contatos diretos estabelecidos com os militantes do país vizinho. São comuns as informações enviadas por correspondentes sobre o desenrolar das lutas operárias na Argentina. Em 1908, por exemplo, um relato enviado por um correspondente de *A Luta* em Buenos Aires afirmava que o “movimento emancipador da classe trabalhadora” tomava “extraordinárias proporções neste país”:

As greves de inquilinos, a campanha antimilitarista e as greves parciais que diariamente se manifestam, fatos estes levados a efeito com uma tenacidade e tática extraordinárias, tem alarmado a burguesia e o partido amarelo [socialista] que vê escapar-se-lhe das mãos o meio de viver comodamente no meio da burguesia, representando como ela a eterna comédia de “representante do povo”<sup>78</sup>.

As conquistas da classe trabalhadora em outros países serviram não apenas como exemplos e inspirações, mas também foram mobilizadas para persuadir a burguesia local a ceder às reivindicações do movimento operário. Durante a greve geral de 1906, por exemplo, que teve como principal bandeira a jornada de oito horas, um argumento muito utilizado pelos patrões e mesmo pela imprensa foi o de que “a ideia das 8 horas ainda não era vencedora noutros países mais adiantados, e onde o operariado possui mais força combativa que aqui”. *A Luta* contestava o argumento, apresentando diversos exemplos do exterior:

Na Alemanha, todos os estabelecimentos governamentais, que são em grande número, funcionam 8 horas e em muitas cidades industriais foi, de há muito, geralmente estabelecido aquele horário. [...] Na França está quase generalizado esse horário. Se aos trabalhadores custou um pouco obtê-lo devem-no ao fato de terem depositado, por muito tempo, suas esperanças no governo e nos deputados socialistas; logo que se decidiram a diretamente o reclamar, a vitória foi compensadora em seus esforços.

---

<sup>78</sup> “Pelo mundo: Argentina”, *A Luta*, 9 de fevereiro de 1908, p. 4.

Na Itália, grande número de classes trabalhadores acabaram de conquistar as 8 horas no último 1º de maio.

Também na Espanha muitos estabelecimentos industriais só funcionam 8 horas. [...] E mais, srs. capitalistas atrasados, nos Estados Unidos, os próprios industrialistas [...] fizeram a experiência das 8 horas e concluíram que um operário trabalhando 8 horas, tendo, portanto, mais descanso, podendo melhor refazer as forças perdidas no labor cotidiano, dava a mesma produção e melhor do que um que trabalhasse 10 por dia. Essa conclusão dos capitalistas americanos é muito lógica e natural, pois é claro que um homem que diariamente trabalha de manhã à noite vai pouco a pouco perdendo as forças e portanto diminuindo o poder produtivo gradualmente; ao passo que, que possa todos [os] dias descansar algumas horas e respirar livremente o ar diurno, com mais probabilidades conservará sua força física e melhor disposição para o trabalho<sup>79</sup>.

Ao mesmo tempo, o periódico também incitava os trabalhadores locais a irem além, citando o exemplo argentino, onde algumas categorias já reivindicavam a jornada de seis horas<sup>80</sup>.

De acordo com Jardim (1990, p. 168), as informações sobre a classe trabalhadora e suas lutas no exterior davam “um sentido internacionalista às lutas dos trabalhadores”. No mesmo sentido, Bilhão (2008, p. 163) afirma que a identidade operária foi construída “não apenas a partir de relações de reconhecimento, distinção e oposição”, mas também a partir da “conjugação dessas circunstâncias com ideias, símbolos, memórias e características que aparecem em diversos lugares”, circulando “através de militantes, textos, etc. em diferentes países” e proporcionado aos trabalhadores uma identificação “com as múltiplas dimensões dessa realidade – seus conflitos, contradições, campanhas e solidariedades – e sentirem-se como integrantes do operariado internacional”. Assim, ao publicar informações sobre as condições da classe operária ao redor do mundo, *A Luta* buscava também demonstrar que todos os trabalhadores compartilhavam de uma mesma realidade, profundamente marcada pelas contradições sociais do sistema capitalista. Eis um exemplo ilustrativo, comentando a questão social nos Estados Unidos:

O Rei do Aço, Charles M. Schwab, deu à sua irmã que se vai casar, um dote de \$ 4.000.000, além de valiosíssimos presentes de joias.

Um jornal burguês lembra que quando, recentemente, *miss* Pierpont Morgan se casou com o sr. Satterlee, o pai lhe deu títulos do valor de um milhão de dólares, uma casa com proporções de palácio nas margens do Hudson, uma tiara, um colar e um broche de brilhantes de um prego fabuloso.

Outra filha de milionário, *miss* Laura McLanchlin, recebeu um milhão de dólares em presentes, entre os quais um serviço de jantar de ouro maciço e um colar de brilhantes cujas pedras eram de 9 1/2 quilates cada uma.

79 “As oito horas”, *A Luta*, 28 de outubro de 1906, p. 3.

80 “A jornada de seis horas”, *A Luta*, 28 de outubro de 1906, p. 3.

Compensando tudo isso, porém, há nos Estados Unidos uma terrível crise de trabalho, reduzindo o operariado à miséria e obrigando um grande número de famílias proletárias a emigrar para a Europa, na esperança de lá encontrar quem lhes alugue os braços em troca do pão quotidiano. Isto chama-se ordem...<sup>81</sup>

Como observou Bilhão (2008, p. 61-62), informações como essa procuravam demonstrar a distância social que “separava os hábitos e as vivências dos operários em relação aos capitalistas, preocupando-se em mostrar que essa distância era sustentada pela exploração”, evidenciando uma oposição entre burguesia e proletariado através da qual a identidade operária era reforçada.

No mesmo sentido, *A Luta* buscou combater os preconceitos étnicos e nacionais no interior da classe trabalhadora local<sup>82</sup>, uma vez que o internacionalismo defendido pelos anarquistas pressupunha também a criação de laços de solidariedade para com os operários estrangeiros dentro do próprio país. Sem ignorar as tensões existentes entre trabalhadores nacionais e imigrantes, *A Luta* chegou a mobilizar exemplos do movimento operário internacional para tentar minimizá-las. Noticiando uma greve de mineiros em Charleroi, na Bélgica, o periódico informava que os patrões tentaram empregar na Alemanha “operários destinados unicamente a suplantar seus camaradas belgas”. Mas quando os trabalhadores alemães souberam que haviam sido contratados como fura-greves, recusaram-se a trabalhar. Ao noticiar o fato, o periódico pretendia demonstrar que “cada vez mais se internacionaliza a organização operária”, refutando “a argumentação desses imbecis que levam a bradar que os operários ‘estrangeiros’ só prestam para nos prejudicar em nosso trabalho”<sup>83</sup>.

*A Luta* também promoveu campanhas internacionalistas em suas páginas. Quando o periódico começou a ser publicado, em 1906, não era apenas Porto Alegre que passava por uma agitação trabalhista. Naquele ano, ocorreram greves pela redução da jornada de trabalho em várias partes do país, inclusive em setores

---

81 “Cifras & Notas: Os reis do dinheiro”, *A Luta*, 6 de janeiro de 1908, p. 1.

82 Bak (2003, p. 201-202) observa que as primeiras tentativas de organização da classe trabalhadora em Porto Alegre foram profundamente marcadas pela etnicidade: nota-se, por exemplo, a formação de associações operárias como a *Allgemeiner Arbeiterverein*, que congregava os trabalhadores alemães, e a *Napzrod*, formada por operários poloneses. Mas já nos primeiros anos do século XX, os anarquistas buscaram organizar os trabalhadores em sindicatos de ofício, reforçando os vínculos de classe em detrimento das identidades étnicas, e ao editarem o seu periódico inteiramente em língua portuguesa, buscaram reduzir as influências idiomáticas e ideológicas atreladas aos laços étnicos, como afirma Bilhão (2008, p. 101).

83 “Um acto”, *A Luta*, 29 de setembro de 1906, p. 2.

estratégicos da economia exportadora, como observou Batalha (2000, p. 42), destacando as greves da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e dos portuários de Santos. Como resposta, o governo aprovou uma lei de expulsão de estrangeiros que comprometessem “a segurança nacional ou a tranquilidade pública”, visando os militantes anarquistas em particular (Dulles, 1981, p. 29; Samis, 2004, p. 137). Articulando-se com os organismos operários do centro do país, *A Luta* denunciou o caráter repressivo e xenofóbico da lei, na qual “os gatunos reincidentes e os cáftens só aparecem para ocultar o seu verdadeiro intuito”: perseguir “os trabalhadores estrangeiros que aqui residem e tem o desaforo de não estarem conformados com a *beleza e harmonia* da sociedade burguesa”<sup>84</sup>. As associações operárias de Porto Alegre mais alinhadas ao anarquismo, como o Sindicato dos Marmoristas e a União Operária Internacional, logo se somaram na campanha contra a lei de expulsão, em uma “afirmação de solidariedade e internacionalismo”<sup>85</sup>. *A Luta*, como fica evidente, buscou ressaltar o caráter internacionalista do movimento e a solidariedade dos trabalhadores nacionais para com os estrangeiros:

Nessa pugna tem tomado parte saliente os operários nacionais que, vendo na aludida lei o prenúncio de uma era de perseguições do operariado estrangeiro que aqui vive, trabalha e sofre, irmanados na dor com os que aqui nasceram [e] com quem mantém as melhores e mais salutarelas relações, não podiam deixar de elevar o protesto da sua indignação contra a lei opressora, mormente nos tempos hodiernos em que o proletariado vai universalmente começando a ouvir a exortação de Marx – “operários de todo o mundo, uni-vos!”<sup>86</sup>.

Ao mesmo tempo, também promoveram campanhas de solidariedade aos trabalhadores para além das fronteiras nacionais. Em 1908, por exemplo, a Argentina e o Brasil disputavam pela superioridade naval no Atlântico Sul e passavam por uma tensão diplomática sem precedentes. O congresso argentino aprovou um orçamento que previa a compra de novos armamentos e navios de guerra e o governo brasileiro passou uma lei instituindo o serviço militar obrigatório. Uma guerra entre os dois países não era descartada naquele momento. A Confederação Operária Brasileira (COB) então iniciou uma ampla campanha antimilitarista que encontrou eco nos principais centros industriais do país e também na Argentina<sup>87</sup>. *A Luta* aderiu à

---

84 “Lei de expulsão”, *A Luta*, 17 de janeiro de 1907, p. 1.

85 “Contra os estrangeiros”, *A Luta*, 15 de março de 1907, p. 1.

86 *Idem*.

87 Sobre esta campanha, cf. Knevez (2021, p. 123-130) e Bilhão (2008, p. 190-200).

campanha e passou a publicar uma série de artigos contra o militarismo e a guerra. Chama a atenção a publicação de uma circular enviada pela FORA, convocando um Congresso Operário Sul-Americano:

A Federação Obreira Regional Argentina, julgando de grande utilidade um Congresso Operário Sul-americano, em que esteja representada a classe trabalhadora de todo o continente, por meio dos seus delegados, estes exporão as necessidades econômicas e sociais dos seus respectivos países e a situação do proletariado em face da burguesia e dos governantes, para, de comum acordo, poder combinar uma luta conjunta e ao mesmo tempo lançar as bases da grande Federação Operária Sul-americana, que terá por fim manter contínuas relações entre os trabalhadores do orbe inteiro para os efeitos de solidariedade que deve existir entre todos os deserdados diante dos criminosos acordos dos governos e capitalistas.

Pensamos que tampouco fugirá ao vosso critério a transcendental importância que deverá ter a celebração deste congresso no sentido da fraternidade universal, pois ele fará impossível, de fato, toda a guerra que pretendem fazer políticos ambiciosos e capitalistas especuladores; ele será o arco-íris que anunciará ao mundo inteiro a fraternidade dos povos sem distinção de raça e de cor; ele será o mais gigantesco passo dado para a sociedade do porvir, destruindo rançosos preconceitos e estúpidos fanatismos; proclamando virilmente, sem rodeios nem temores, a morte da sociedade presente; o direito à vida livre, à beleza, ao amor<sup>88</sup>.

Bilhão (2008, p. 188) observa que a “insistência na divulgação desse tipo de mensagem” por parte da imprensa anarquista indica “um esforço cotidiano em fazer chegar essa visão internacionalista ao conjunto do operariado da cidade”. Nesse caso específico, cabe destacar que a realização de um Congresso Operário Sul-Americano era um dos principais anseios das associações operárias do continente. Contudo, o encontro, que ocorreria em Buenos Aires, não pôde se concretizar naquele momento. Quando os preparativos para o Congresso estavam em curso, em 1910, a Argentina comemorava o Centenário da Revolução de Maio. Os anarquistas e sindicalistas tentaram aproveitar a situação para realizar uma greve geral reivindicando a revogação da Lei de Residência, uma lei de expulsão de estrangeiros que vigorava no país desde 1902, ao que o governo argentino respondeu com a imposição de um estado de sítio, prisões de militantes e expulsões em massa<sup>89</sup>. A repressão na Argentina causou comoção e repercutiu entre o movimento operário internacional, gerando afirmações e atos de solidariedade. *A Luta* denunciou ativamente as “infâmias” que ocorriam na “Rússia americana”, reproduzindo relatos que chegavam

88 “Congresso Operário Sul-Americano”, *A Luta*, 15 de agosto de 1908, p. 1-2.

89 Discurso sobre os eventos do Centenário e suas consequências para o anarquismo na Argentina em minha dissertação. Cf. Knevez (2021, p. 118-122; 176-178).

de Montevideu, onde alguns militantes conseguiram abrigo. Aqui, cumpre ressaltar que, como observou Jardim (1990, p. 168), a imprensa operária “era um fenômeno internacional”, e os periódicos operários circulavam para além das fronteiras estaduais. *A Luta*, como vimos, manteve um intenso intercâmbio com outros periódicos anarquistas da América do Sul e da Europa, e se fez valer de suas conexões no exterior para denunciar o que ocorria no país vizinho. Abaixo do título de uma matéria informando os “sucessos da República Argentina”, encontramos um texto em francês, destinado especialmente aos anarquistas no exterior<sup>90</sup>. O mesmo texto foi reproduzido em edição posterior do periódico<sup>91</sup>.

O que cabe destacar nos casos explorados acima, buscando uma articulação as reflexões feitas na seção anterior, é como a circulação da informação criou uma noção de simultaneidade que consolidou uma identificação dos operários em Porto Alegre com os seus companheiros de além-fronteiras, que se manifestava no sentimento de pertencimento a uma classe trabalhadora internacional e em demonstrações mais concretas de solidariedade. Além disso, como verificamos, houve um intenso uso da informação internacional para fins de propaganda, seja para combater os adversários do anarquismo no movimento operário local, ou para propagar entre os trabalhadores alguns exemplos e caminhos a serem seguidos em suas lutas. Dessa forma, podemos concluir que a circulação de informações através da imprensa proporcionou aos operários da cidade um acesso a diversas notícias e ideias vindas de diferentes lugares, o que, segundo Bilhão (2008, p. 169) serviu para reforçar “as noções de pertencimento e oposição em âmbito internacional” entre os trabalhadores.

---

90 “Os sucessos da República Argentina”, *A Luta*, 1º de julho de 1910, p. 1-2.

91 “L’Argentine: Aux camarades étrangers”, *A Luta*, 13 de outubro de 1910, p. 4.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem do século XIX para o XX foi marcada por profundas mudanças políticas, econômicas e sociais a nível global. O capital acumulado através do comércio e da exploração colonial passou a ser aplicado no desenvolvimento de novas atividades tecnológicas e industriais, possibilitando uma série de inovações nos transportes e nas comunicações, como o navio à vapor, a prensa rotativa e o telégrafo. Com a expansão do capitalismo, e conseqüentemente da luta de classes, os trabalhadores passaram a se reconhecer como parte de uma classe que compartilha os mesmos anseios e os mesmos interesses, associando-se em partidos e sindicatos. O periódico *A Luta* estava inserido nessa conjuntura mais global, e em muitos sentidos foi determinado por ela. Seus editores eram militantes operários que buscavam organizar os trabalhadores a partir de um programa político e ideológico particular, o anarquismo. Para isso, lançaram do meio de comunicação mais eficaz de que dispunham, a imprensa. Era na imprensa que as informações e ideias circulavam de maneira mais dinâmica, e foi a partir dela que os anarquistas de Porto Alegre conseguiram se organizar e estabelecer contatos com os seus companheiros ao redor do mundo, através de permutas ou contatos diretos. A circulação e o uso de informações na imprensa operária não pode ser dissociada desse contexto.

Considerando que *A Luta* era um periódico publicado em pequenas dimensões, é significativo que uma parte importante de seu conteúdo tenha sido dedicada ao movimento operário internacional. Seus editores não apenas sustentaram uma perspectiva internacionalista e buscaram propagá-la, mas consideraram que divulgando informações sobre a classe operária e suas lutas no exterior, apresentavam aos trabalhadores locais exemplos a serem seguidos ou evitados, além de contribuir para a criação de uma noção de simultaneidade e pertencimento a uma classe trabalhadora e a um movimento operário que transcendiam as fronteiras nacionais. Através da circulação de informações, os operários se conectavam com eventos, ideias e movimentos globais. Essas considerações podem ampliar a nossa compreensão das motivações, estratégias e aspirações dos trabalhadores em Porto Alegre durante o período estudado, mas uma análise mais detalhada nesse sentido não caberia nos limites deste trabalho.

A partir de nossa análise do jornal *A Luta*, podemos concluir que circulação da informação nesse periódico ocorreu, em grande medida, a partir de trocas e permutas

com outros veículos da imprensa operária do centro do país e do exterior. Destacam-se as relações estabelecidas com a imprensa operária platina e europeia, o que se reflete no volume de informações publicadas sobre os países da Europa e do Prata. Ao mesmo tempo, analisando os temas mais recorrentes, percebe-se um interesse especial nas lutas da classe trabalha no exterior, o que não deve causar surpresa quando tratamos de um periódico operário. Estudos futuros poderão confirmar se essas afirmações são válidas para a imprensa operária gaúcha e brasileira de uma maneira mais ampla, e em que medida os eventos internacionais influenciaram reivindicações locais do movimento operário<sup>92</sup>.

Hoje, as pesquisas que buscam relacionar os temas recorrentes da Ciência da Informação com a História Social do Trabalho são muito incipientes, e podemos considerar que este trabalho é uma contribuição pioneira nesse sentido. Mas sabemos que isso não o isenta de suas limitações. Trata-se de um trabalho escrito por um historiador interessado no movimento operário, e não por um cientista da informação particularmente preocupado com aspectos teóricos da circulação e uso da informação, e alguns aspectos podem ter sido negligenciados em detrimento de outros. Contudo, é preciso destacar que foi justamente o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação que nos permitiu relacionar dois temas que, a princípio, pareciam tão distantes, assim como as possibilidades abertas pelo uso da imprensa como fonte de pesquisa. Assim, incentivamos e ressaltamos a necessidade de mais estudos que andem nesse sentido, contemplando as perspectivas oferecidas pela Ciência da Informação e pelas demais disciplinas das Ciências Humanas e Sociais.

---

92 Nesse sentido, já existe um trabalho de Frederico Bartz (2017), que discute o impacto da Revolução Russa no movimento operário gaúcho.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANAPIO, Luciana. Una promesa de folletos. El rol de la prensa en el movimiento anarquista en la Argentina (1890-1930). **A Contracorriente**, Raleigh, v. 8, n. 2, p. 1-33, 2011.

ARAVANIS, Evangelia. Leituras, edições e circulações de impressos na Porto Alegre de 1906 a 1911: uma análise a partir do periódico A Luta. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 6, n. 6, 2002.

BAK, Joan. Classe, etnicidade e gênero no Brasil: a negociação de identidade dos trabalhadores na greve de 1906, Porto Alegre. **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, v. 2, n. 4, 2003, p. 181-224.

BARTZ, Frederico Duarte. **O horizonte vermelho**: o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920. Porto Alegre: Sulina, 2017.

BATALHA, Claudio. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BAYER, Osvaldo. **Anarquistas expropriadores e outros ensaios**. Feira de Santana; Ponta Grossa: Adandé; Monstro dos Mares, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BILHÃO, Isabel. **Identidade e trabalho**: uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920). Londrina: Eduel, 2008.

BORKO, Harold. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.

BUONUOME, Juan. Internacionalismo socialista y cuestión informativa (Buenos Aires, 1890-1930). **Revista de Historia Social y de las Mentalidades**, Santiago, v. 26, n. 2, p. 5-48, 2022.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 183-194, 2002.

CORRÊA, Felipe. **Bandeira negra**: rediscutindo o anarquismo. Curitiba: Prismas, 2015.

CUNHA, Eduardo Augusto Souza. **Editar a revolta**: edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ECKHARDT, Wolfgang. **The first socialist schism**: Bakunin vs. Marx in the International Working Men's Association. Oakland: PM Press, 2016.

FERGUSON, Kathy E. **Letterpress Revolution**: The Politics of Anarchist Print Culture. Durham: Duke University Press, 2023.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil**: 1880-1920. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FRYDENBERG, Julio; RUFFO, Miguel. **La semana roja de 1909**. Buenos Aires: Razón y Revolución, 2012.

GALLO, Sílvio. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da da Escola Moderna. **Proposições**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 241-251, 2013.

GODOY, Clayton Peron Franco de. "I Senza Patria": padrões de difusão transnacional do movimento anarquista e sua recepção em São Paulo. *In*: SANTOS, Kauan Willian dos; SILVA, Rafael Viana da (org.). **História do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária no Brasil**: novas perspectivas. Curitiba: Prismas, 2018. p. 71-96.

HOBBSAWM, Eric. Working-class internationalism. *In*: VAN HOLTHOON, Frits; VAN DER LINDEN, Marcel (org.). **Internationalism in the labour movement, 1830-1940**. Leiden: Brill, 1988. p. 3-16.

JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância**: a imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923). 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

KNEVITZ, Maurício Moroso. **"Inculcar nos operários os princípios econômicos e filosóficos do comunismo anárquico"**: concepções e práticas sindicais do anarquismo argentino (1905-1915). 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

LASSWELL, Harold D. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. *In*: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987. p. 105-117.

LONER, Beatriz Ana. O movimento operário. *In*: RECKZIEGEL, Ana Luiza; AXT, Gunter. (org.). **História Geral do Rio Grande do Sul**: República Velha (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 1. p. 499-525.

MARÇAL, João Batista. **Primeiras lutas operárias no Rio Grande do Sul**: origens do sindicalismo rio-grandense. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1985.

\_\_\_\_\_. **Os anarquistas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

\_\_\_\_\_. **A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1873-1974)**. Porto Alegre: [s. n.], 2004.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Imprensa das classes subalternas: atualização e atualidade de um conceito. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 193-208, 2010.

NORA, Pierre. O retorno do fato. *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 179-193.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon. A neutralidade política no sindicalismo anarquista brasileiro (1906-1913). *In*: QUEIRÓS, César Augusto Bulboz & ARAVANIS, Evangelia (org.). **Cultura operária**: trabalho e resistências. Brasília: Ex Libris, 2010.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874-1940)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1989.

\_\_\_\_\_. **“Que a união operária seja nossa pátria!”**: História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre; Santa Maria: Editora da UFRGS; Editora UFSM, 2001.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. **A classe operária no Brasil**: Documentos (1889 a 1930). São Paulo: Alfa Omega, 1979. v. 1: O movimento operário.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e sindicalismo no Brasil (1675-1913)**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

SAMIS, Alexandre. Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. *In*: COLOMBO, Eduardo (org.). **História do movimento operário revolucionário**. São Paulo: Imaginário, 2004. p. 125-189.

SCHMIDT, Benito Bisso. A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907. **História em Revista**, Pelotas, v. 6, dez. 2000, p. 59-84.

\_\_\_\_\_. **Em busca da terra da promessa**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

\_\_\_\_\_. **De mármore e de flores**: a primeira greve geral do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, outubro de 1906). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

SILVA JR., Adhemar Lourenço. A bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário (188?-1925). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 5-26, dez. 1996.

THORPE, Wayne. Uneasy Family: Revolutionary Syndicalism in Europe from the Charte d'Amiens to World War One. *In*: BANTMAN, Constance; BERRY, David (org.). **New Perspectives on Anarchism, Labour and Syndicalism: The Individual, The National and the Transnational**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 16-42.

VAN DER LINDEN, Marcel. **Trabalhadores do mundo**: ensaios para uma história global do trabalho. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

VAN DER WALT, Lucien. Syndicalism. *In*: LEVY, Carl; ADAMS, Matthew S. (org.). **The Palgrave Handbook of Anarchism**. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2018. p. 249-263.

ZIMMER, Kenyon. **Haymarket and the Rise of Syndicalism**. *In*: LEVY, Carl; ADAMS, Matthew S. (org.). **The Palgrave Handbook of Anarchism**. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2018. p. 353-369.

## ANEXO A – MATÉRIAS INCLUINDO INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS PUBLICADAS EM A LUTA

Data da publicação	Título da coluna ou matéria	País referenciado	Fonte indicada	Tema predominante
29/9/1906	Um acto	Bélgica	<i>La Voix du Peuple</i>	Movimento operário
28/10/1906	A jornada de 6 horas	Argentina	<i>El Obrero</i>	Movimento operário
15/11/1906	Escuela Moderna	Espanha	Não indica fonte	Francisco Ferrer
15/11/1906	Factos e Comentários. Comparando...	França	<i>Matin</i>	Questões sociais
1/12/1906	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Movimento operário
1/12/1906	Pelo mundo	Espanha	Não indica fonte	Francisco Ferrer
1/12/1906	Pelo mundo	Inglaterra	Não indica fonte	Saúde pública
1/12/1906	Pelo mundo	Argentina	<i>El Obrero</i>	Movimento operário
1/12/1906	Pelo mundo	Uruguai	Não indica fonte	Movimento operário
15/12/1906	Delícias do sistema burguês	Filipinas	<i>Correio do Povo</i>	Sistema prisional
15/12/1906	Sindicalismo e parlamentarismo	Alemanha	Não indica fonte	Movimento operário
15/12/1906	Os inúteis	Inglaterra	<i>Socia Revuo</i>	Política
15/12/1906	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Movimento operário
15/12/1906	Pelo mundo	Austrália	<i>La Voix du Peuple</i>	Movimento operário
15/12/1906	Pelo mundo	Rússia	Não indica fonte	Repressão
02/1/1907	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Política
17/1/1907	Correspondência de Paris	França	<i>Despertar Hispano</i>	Movimento operário
17/1/1907	Factos e Comentários. Civilizamento...	França	Não indica fonte	Repressão
17/1/1907	Factos e Comentários. O "kaiser" ajindo	Alemanha	Não indica fonte	Política
17/1/1907	Factos e Comentários. Equivalentes...	França e Rússia	Não indica fonte	Repressão
17/1/1907	Descuidos	França	<i>A Federação</i>	Política
17/1/1907	Pelo mundo	Portugal	<i>A Terra Livre</i>	Política
17/1/1907	Pelo mundo	Espanha	Não indica fonte	Francisco Ferrer
3/2/1907	Pedro Gori	Itália	<i>Fanfulla</i>	Movimento anarquista
3/2/1907	Tuberculose e miséria	Alemanha e Hungria	<i>La Voix du Peuple</i>	Questões sociais

3/2/1907	Factos e Comentários. Juízo abalisado	França	Não indica fonte	Política
3/2/1907	Factos e Comentários. Crimes da burguesia	França e Alemanha	Telegrama	Acidentes de trabalho
3/2/1907	Factos e Comentários. Liberdade democrática	Argentina	Telegrama	Repressão
3/2/1907	Um herói	Rússia	<i>Freedom</i>	Movimento revolucionário russo
3/2/1907	De todos e de tudo. Sinal dos tempos	Suíça	<i>La Voix du Peuple</i>	Antimilitarismo
3/2/1907	De todos e de tudo. Lei socialista	Suíça	Não indica fonte	Política
3/2/1907	De todos e de tudo. Acção indirecta	Nova Zelândia	<i>New Zealand Worker</i>	Movimento operário
3/2/1907	Pelo mundo	Argentina	Não indica fonte	Movimento operário
3/2/1907	Pelo mundo	Alemanha	Não indica fonte	Movimento anarquista
3/2/1907	Pelo mundo	Rússia	Carta	Repressão
3/2/1907	Pelo mundo	Áustria	<i>Napzrod</i>	Repressão
22/2/1907	Factos e Comentários. Crimes da burguesia	Rússia	Telegrama	Acidentes de trabalho
22/2/1907	Pedro Gori	Itália	<i>Fanfulla</i>	Movimento anarquista
22/2/1907	Pelo mundo	Uruguai	Correspondente	Movimento operário
22/2/1907	Pelo mundo	Argentina	Não indica fonte	Movimento operário
22/2/1907	Um boletim internacional anarquista	Internacional	<i>A Terra Livre</i>	Movimento anarquista
15/3/1907	Pelo mundo	Alemanha	<i>Der Revolutionär</i>	Movimento anarquista
15/3/1907	Factos e Comentários. Acção socialista	França	Não indica fonte	Política
3/4/1907	Factos e Comentários. Crimes do sistema	França	Não indica fonte	Acidentes de trabalho
3/4/1907	Factos e Comentários. Mais crimes	Alemanha	Não indica fonte	Acidentes de trabalho
3/4/1907	Na santa Rússia	Rússia	Não indica fonte	Movimento revolucionário russo
3/4/1907	Pelo mundo	Rússia	Não indica fonte	Movimento revolucionário russo
3/4/1907	Pelo mundo	Inglaterra	Não indica fonte	Repressão
3/4/1907	Pelo mundo	Estados Unidos	<i>Les Temps Nouveaux</i>	Movimento operário
3/4/1907	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Movimento operário

15/4/1907	Ferrer	Espanha	<i>Novos Horizontes</i>	Francisco Ferrer
15/4/1907	O ministério do trabalho	França	<i>Não indica fonte</i>	Política
15/4/1907	Pelo mundo	Argentina	<i>Socia Revuo, Les Tempx Nouveaux</i>	Movimento operário
15/4/1907	Pelo mundo	França	<i>Socia Revuo, Les Tempx Nouveaux</i>	Movimento operário
15/4/1907	Pelo mundo	Bélgica	<i>Socia Revuo, Les Tempx Nouveaux</i>	Movimento anarquista
15/4/1907	Pelo mundo	Dinamarca	<i>Socia Revuo, Les Tempx Nouveaux</i>	Repressão
15/4/1907	Pelo mundo	Suécia	<i>Socia Revuo, Les Tempx Nouveaux</i>	Movimento operário
15/4/1907	Pelo mundo	Espanha	<i>Socia Revuo, Les Tempx Nouveaux</i>	Movimento operário
15/4/1907	Pelo mundo	Polônia	<i>Socia Revuo, Les Tempx Nouveaux</i>	Movimento operário
15/4/1907	Pelo mundo	Rússia	<i>Socia Revuo, Les Tempx Nouveaux</i>	Repressão
15/4/1907	Pelo mundo	Suíça	<i>Socia Revuo, Les Tempx Nouveaux</i>	Movimento operário
1/5/1907	Pelo mundo	França	<i>A Vida</i>	Política
15/5/1907	Pelo mundo	Argentina	<i>Não indica fonte</i>	Movimento operário
15/5/1907	Pelo mundo	Suíça	<i>Não indica fonte</i>	Movimento operário
15/5/1907	Pelo mundo	Espanha	<i>Não indica fonte</i>	Repressão
2/6/1907	Como se faz uma guerra	Estados Unidos e Cuba	<i>Diario de la Marina</i>	Militarismo e guerra
2/6/1907	Factos e Comentários. Miséria escarnecida	Espanha	Telegrama	Questões sociais
2/6/1907	Pelo mundo	França	<i>La Voix du Peuple</i>	Legislação social
16/6/1907	Factos e Comentários. Bons discípulos	China	Telegrama	Colonialismo
16/6/1907	Factos e Comentários. Processo Ferrer	Espanha	Telegrama	Francisco Ferrer

1/7/1907	Cifras & Notas	Estados Unidos	Não indica fonte	Questões sociais
1/7/1907	Factos e Comentários. A ordem...	Peru	Telegrama	Questões sociais
1/7/1907	Factos e Comentários. 200%	Estados Unidos	<i>Correio do Povo</i>	Questões sociais
1/7/1907	Factos e Comentários. Fuzilamentos	França	Telegrama	Repressão
1/7/1907	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Movimento operário
1/7/1907	Pelo mundo	Dinamarca	<i>Socia Revuo</i>	Antimilitarismo
1/7/1907	Pelo mundo	Suíça	Não indica fonte	Repressão
3/9/1907	Na Arjentina: Grande greve geral solidária	Argentina	Correspondente	Movimento operário
3/9/1907	Factos e Comentários. Belezas...	Marrocos	Telegrama	Colonialismo
3/9/1907	Factos e Comentários. Congresso Anarquista	Holanda	Telegrama	Movimento anarquista
3/9/1907	Factos e Comentários. É boa! ...	Holanda	Não indica fonte	Movimento anarquista
3/9/1907	Pelo mundo	Uruguai	Não indica fonte	Movimento operário
3/9/1907	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Repressão
23/10/1907	A conferência da... paz	Internacional	Não indica fonte	Diplomacia
26/10/1907	A reação em Portugal	Portugal	Não indica fonte	Repressão
26/10/1907	Congresso Anarquista	Holanda	Não indica fonte	Movimento anarquista
26/10/1907	Factos e Comentários. Liga de Inquilinos	Argentina e Uruguai	Telegrama	Movimento operário
26/10/1907	Pelo mundo	Estados Unidos	Não indica fonte	Movimento operário
26/10/1907	Pelo mundo	Bulgária	Não indica fonte	Movimento operário
23/11/1907	Congresso anarquista	Holanda	Não indica fonte	Movimento anarquista
23/11/1907	A luta parlamentar	França	Não indica fonte	Movimento operário
14/12/1907	Pelo mundo	França	<i>Jornal do Commercio</i>	Política
14/12/1907	Factos e Comentários. Progresso... de morte	Alemanha	Não indica fonte	Militarismo e guerra
6/1/1908	Belezas do Militarismo	Marrocos	<i>Matin</i>	Colonialismo
6/1/1908	Notas & Cifras. Os reis do dinheiro	Estados Unidos	Não indica fonte	Questões sociais
6/1/1908	Factos e Comentários. A ordem...	Chile	Telegrama	Repressão
6/1/1908	Factos e Comentários. Agitação de inquilinos	Estados Unidos	Telegrama	Movimento operário

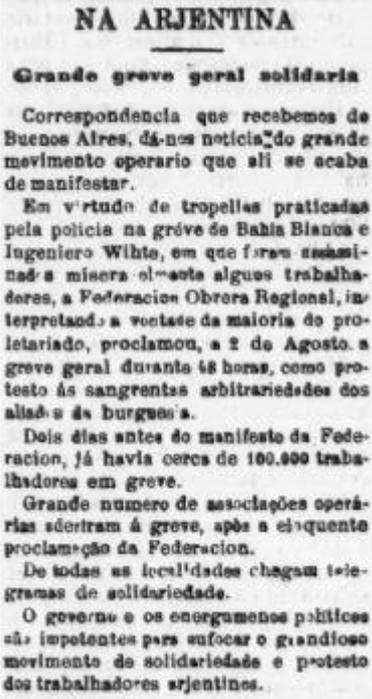
6/1/1908	Factos e Comentários. A metralha!	Chile	Telegrama	Repressão
6/1/1908	Factos e Comentários. G. Hevé	França	Não indica fonte	Repressão
6/1/1908	Congresso anarquista: Sindicalismo e greve geral	Holanda	Não indica fonte	Movimento anarquista
9/2/1908	Assunto do dia	Portugal	Não indica fonte	Atentados
9/2/1908	Congresso anarquista: Sindicalismo e greve geral	Holanda	Não indica fonte	Movimento anarquista
9/2/1908	João Chagas	Portugal	Telegrama	Repressão
9/2/1908	Pelo mundo	Argentina	Correspondente	Movimento operário
9/2/1908	Pelo mundo	Alemanha	Não indica fonte	Repressão
9/2/1908	Pelo mundo	Espanha	Não indica fonte	Movimento anarquista
9/2/1908	Pelo mundo	Chile	Não indica fonte	Movimento operário
9/2/1908	Pelo mundo	Rússia	Não indica fonte	Movimento revolucionário
8/3/1908	"Atentados"... policiaes	Argentina	Não indica fonte	Repressão
8/3/1908	Correspondência	Portugal	Correspondente	Repressão
8/3/1908	Factos e Comentários. Greve em Uruguay	Uruguai	Telegrama	Movimento operário
8/3/1908	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Política
8/3/1908	Pelo mundo	Espanha	Não indica fonte	Movimento operário
8/3/1908	Pelo mundo	Itália	Não indica fonte	Movimento anarquista
8/3/1908	Pelo mundo	Alemanha	Não indica fonte	Movimento operário
8/3/1908	Pelo mundo	Inglaterra	Não indica fonte	Movimento operário
18/3/1908	Factos e Comentários. Crise	Estados Unidos	Não indica fonte	Questões sociais
18/3/1908	Factos e Comentários. Entre eles...	Itália	Telegrama	Política
18/3/1908	Factos e Comentários. Uma "blague"	Argentina	<i>La Protesta</i>	Movimento anarquista
18/3/1908	Pelo mundo	Itália	Não indica fonte	Movimento operário
18/3/1908	Pelo mundo	Chile	Correspondente	Repressão
1/5/1908	Notas & Cifras: O barômetro da miséria	Itália	Não indica fonte	Questões sociais
23/5/1908	Pelo mundo	Uruguai	Correspondente	Movimento operário
23/5/1908	Pelo mundo	Bélgica	<i>L'Étoile Belge</i>	Movimento operário
23/5/1908	Pelo mundo	Alemanha	Não indica fonte	Antimilitarismo
23/5/1908	Pelo mundo	Estados Unidos	Não indica fonte	Movimento anarquista
20/6/1908	Para que serve o ezercito	Chile	<i>La Prensa</i>	Repressão

20/6/1908	Factos e Comentários. A Boa Nova	Portugal	<i>A Boa Nova</i>	Movimento anarquista
20/6/1908	Pelo mundo	Espanha	Telegrama	Movimento anarquista
20/6/1908	Pelo mundo	Rússia	Não indica fonte	Repressão
15/8/1908	Congresso Operário Sul-Americano	Internacional	Circular	Movimento anarquista
15/8/1908	Factos e Comentários. Dignidade operária	França	Não indica fonte	Acidentes de trabalho
15/8/1908	Pelo mundo	Estados Unidos	Não indica fonte	Repressão
15/8/1908	Pelo mundo	Portugal	Não indica fonte	Movimento anarquista
15/8/1908	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Movimento anarquista
15/8/1908	Pelo mundo	Itália	Não indica fonte	Movimento operário
15/8/1908	Pelo mundo	Holanda	Não indica fonte	Antimilitarismo
15/8/1908	Pelo mundo	Alemanha	Não indica fonte	Movimento anarquista
15/8/1908	Pelo mundo	Rússia	Não indica fonte	Repressão
13/9/1908	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Repressão
26/9/1908	Pelo mundo	França	<i>La Voix du Peuple</i>	Movimento operário
26/9/1908	Pelo mundo	Estados Unidos	Não indica fonte	Movimento anarquista
26/9/1908	Pelo mundo	Argentina	Não indica fonte	Movimento operário
26/9/1908	Pelo mundo	Inglaterra	Não indica fonte	Legislação social
25/10/1908	Factos e Comentários. Negócio...	Argentina	Não indica fonte	Política
25/10/1908	Factos e Comentários. Ferri	Argentina	Não indica fonte	Repressão
14/11/1908	Factos e Comentários. Os desertores	Europa	<i>Petite Parisien</i>	Antimilitarismo
14/11/1908	Pelo mundo	Inglaterra	Não indica fonte	Movimento operário
14/11/1908	Pelo mundo	Argentina	Não indica fonte	Política
14/11/1908	Pelo mundo	Itália	Não indica fonte	Movimento operário
14/11/1908	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Repressão
19/12/1908	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Movimento operário
19/12/1908	Pelo mundo	Portugal	Não indica fonte	Movimento operário
16/1/1909	Factos e Comentários. Ferri e os socialistas	Argentina e Uruguai	<i>La Vanguardia, El Socialista</i>	Política
16/1/1909	Pelo mundo	Portugal	Correspondente	Movimento anarquista
29/1/1909	Factos e Comentários. Pela paz	Argentina	Não indica fonte	Antimilitarismo
29/1/1909	Factos e comentários. Uma missão	Inglaterra	Telegrama	Política

29/1/1909	Congresso Anarquista Internacional de 1909	Internacional	Boletim Internacional Anarquista	Movimento anarquista
29/1/1909	Pelo mundo	Inglaterra	<i>Les Temps Nouveaux</i>	Movimento operário
2/4/1909	Factos e Comentários. Franqueza	Venezuela	Não indica fonte	Política
2/4/1909	Factos e Comentários. O terremoto de Messina	Itália	Não indica fonte	Desastre natural
1/5/1909	Factos e Comentários. Diferença...	Bélgica	Telegrama	Antimilitarismo
1/6/1909	O 1º de Maio na Argentina	Argentina	<i>La Protesta</i>	Movimento operário
12/8/1909	Factos e Comentários. Sucessos de Espanha	Espanha	Telegrama	Colonialismo
12/8/1909	Pelo mundo	França	<i>Bulletin international du mouvement syndicaliste</i>	Movimento operário
17/10/1909	Francisco Ferrer	Espanha	Não indica fonte	Francisco Ferrer
17/10/1909	Professor Francisco Ferrer	Espanha	Não indica fonte	Francisco Ferrer
17/10/1909	Factos e Comentários. Amanhã	Portugal	<i>Amanhã</i>	Movimento anarquista
14/12/1909	La Protesta	Argentina	Telegramas	Movimento anarquista
14/12/1909	A queda dum tirano	Argentina	Não indica fonte	Atentados
14/12/1909	As concessões burguezas: Lei de proteção às mães operárias	França	Não indica fonte	Legislação social
14/12/1909	Factos e Comentários. Sobre Ferrer	Espanha	<i>A Federação</i>	Francisco Ferrer
1/5/1910	Factos e Comentários. La Protesta	Argentina	<i>La Protesta</i>	Movimento anarquista
1/5/1910	Factos e Comentários. La Batalla	Argentina	<i>La Batalla</i>	Movimento anarquista
1/7/1910	Os sucessos da República Argentina	Argentina	<i>La Protesta</i>	Repressão
13/10/1910	As infâmias da Rep. Argentina	Argentina	Não indica fonte	Repressão
20/1/1911	Na Rússia americana. A perseguição na Arjentina	Argentina	Circular	Repressão
20/1/1911	O Congresso Socialista de Compenhague	Dinamarca	Não indica fonte	Política
20/1/1911	Evolução dum palhaço	Itália	Não indica fonte	Política
20/1/1911	Pelo mundo	Portugal	Não indica fonte	Movimento operário
20/1/1911	Pelo mundo	Espanha	<i>Solidarid Obrera</i>	Movimento operário

20/1/1911	Pelo mundo	Alemanha	<i>Freie Arbeiter</i>	Movimento anarquista
20/1/1911	Pelo mundo	Japão	<i>Freie Arbeiter</i>	Repressão
18/2/1911	A morte de Pedro Gori	Itália	Telegrama	Movimento anarquista
18/2/1911	Uma iniquidade	Japão	Não indica fonte	Repressão
18/2/1911	Pelo mundo	Cuba	<i>¡Tierra!</i>	Movimento anarquista
18/2/1911	Pelo mundo	Estados Unidos	Não indica fonte	Movimento operário
18/2/1911	Pelo mundo	Uruguai	Não indica fonte	Repressão
18/2/1911	Pelo mundo	Argentina	<i>El Libertario, La Acción Obrera</i>	Repressão
18/2/1911	Pelo mundo	França	Não indica fonte	Repressão

## ANEXO B – MODELO DE FICHAMENTO UTILIZADO

Na Arjentina: Grande greve geral solidária			
Periódico: A Luta	Local: Porto Alegre	Data: 3 de setembro de 1907	Página: 1
			
País: Argentina		Fonte: Correspondência	
<p><b>Transcrição:</b> Correspondência que recebemos de Buenos Aires, dá-nos notícia do grande movimento operário que ali se acaba de manifestar.</p> <p>Em virtude de tropelias praticadas pela polícia na greve de Bahía Blanca e Ingeniero White, em que foram assassinados miseravelmente alguns trabalhadores, a Federación Obrera Regional, interpretando a vontade da maioria do proletariado, proclamou, a 2 de agosto, a greve geral durante 48 horas, como protesto às sangrentas arbitrariedades dos aliados da burguesia.</p> <p>Dois dias antes do manifesto da Federación, já havia cerca de 100.000 trabalhadores em greve.</p> <p>Grande número de associações operárias aderiram à greve, após a eloquente proclamação da Federación.</p> <p>De todas as localidades chegam telegramas de solidariedade.</p> <p>O governo e os energúmenos políticos são impotentes para sufocar o grandioso movimento de solidariedade e protesto dos trabalhadores argentinos.</p>			